



Nº 13

15 de Julho de 1895

XXIV Anno

A Estação publica-se a 15 e 30 de cada mez. Um anno do jornal além de 450 pags. de texto in-4º contém: 2000 gravuras de modas e trabalhos, 26 lindos figurinos coloridos e 12 folhas grandes contendo 240 moldes em tamanho natural e numerosos ricos, monogrammas, etc. A parte litteraria, noticiosa e recreativa é tambem ricamente illustrada.

EDITORES-PROPRIETARIOS:  
**H. LOMBAERTS & COMP.**

Agencia Geral para Portugal:  
LIVRARIA ERNESTO CHARDRON  
José Pinto de Souza Lello & Irmão — successores — Porto.

As assignaturas começam em qualquer mez, findando, porém sempre com os mezes de Março, Junho, Setembro ou Dezembro. Toda reclamação deve ser feita sem demora e por escripto, mencionnando o numero da assignatura. Os avisos de mudanças de residencia devem vir acompanhados de 200 rs. para reimpressão de rotulos.

**CORREIO DA MODA.**

A moda muito frivola obriga as bolsas as mais apertadas a abrirem-se e as senhoras as mais economicas a sacrificar ao luxo um pouco futil que as caracteriza. E facto, quem quizer sahir um pouco fóra do ordinario é forçosamente que ajuntar ao seu vestuario alguns metros de bonita cassa de sêda, formando um largo collar concheado com pontas que cruzão-se na cintura e são atadas com dous tufos de flores. Na falta destes pôde-se empregar a fita. Alguns collares são arranjados atraz em forma de azas de libellinhas, outras entrelação-se com concheados sendo estas enroladas atravessando as pregas duplas do concheado. Emprega-se bonitas cassa de côr e este collar é hoje um objecto muito importante, tão importante que não sómente elle substitue o boá como tambem a capinha, pois bastará ajuntar-lhe um ou dous folhinhos pregueados de cassa de bastante sêda, para obter-se um collarinho confortavel e substituindo perfeitamente uma capa. Será talvez uma economia? O collar tornou-se capa!

E certo que parece nada à primeira vista porém é sufficiente e permite sahir em corpo. O grande concheado formando azas atraz guarnece as costas, as pontas cahidas naturalmente ou cruzadas adiante dão um certo relevo ao corpinho. Os véos tambem são um objecto de desprezo. Vê-se de todos os feitios e arranjados conforme a forma dos chapéos. Cada chapéo deve ter o seu véo; é impossivel usar-se o mesmo véo com um chapéo redondo ou com uma capota. Muitas pessoas tomão o filó para o véo, da côr do chapéo e levão a elegancia ao ponto de applicar cercaduras de renda pretas ou crême sobre filós de côr. Seria muito mais simples comprar uns metros de filó bordado á froco e de apanhal-o graciosamente sobre o rosto e nas abas do chapéo. Para os chapéos redondos claros recommendamos o filó liso, muito usado pelas elegantes, dura só um dia, mas por esse motivo está sempre fresco, pois muda-se sempre.

Os véos brancos estão sempre em grande moda, sobre os chapéos genero capota. Usa-se o véo de filó crême bordado com sêda frôxa e sobretudo o véo redondo com applicação da Inglaterra. Sobre os chapéos redondos o véo quadrado em applicação de Bruxellas ou imitação, com grandes florões, é preferivel. É certo que o simples véo de filó não está abandonado de todo e que as grandes elegantes o preferem a outros, porque assenta bem e os faz parecer bonito quem o não é. Ha sobretudo um genero de filó russo mui-o leve, muito largo como rêdesinha, com bolinhas de frôco dispostas com intervallos e que dão um certo relevo admiravel ao rôsto. Estes filós não chamão a attenção com o os de côr e os brancos assentão bem.

Sobre os vestidos frescos, sempre com o fim de gastar o mais possivel, usa-se collarinhos lindos taes como pôde-se ver nos ultimos numeros do journal. O vestido de crêpe de algodão custa dez ou quinze francos e para dar-lhes mais apparencia ajunta-se-lhe um collarinho de cambrãia ornado com entremeios de renda Malines ou Valenciennes de grande preço. Sobre os vestidos de cambrãia usa-se os fichus Maria-Antonieta, de linho fino todo pregueado e sobre os vestidos de sêda usa-se collarinhos grandes, como plastrão de renda de Veneza antiga, bordadas com pedras preciosas e perolas. Sobre a saia prega-se laços applicados com entremeios adequados. Damos hoje uma guarnição deste genero porém em entremeio de renda ordinaria.

A fita tambem acarreta uma grande despeza porque emprega-se muito e de bella qualidade, Nº 60, o numero que empregava-se outr'ora para os cintos de creança. Esta mesma fita é tambem empregada, como cinto, dá duas voltas na cintura, á Luiz XVI, e vem atar-se do lado com um laço, pequeno, com dobras e pontas curtas desfiadas. Este cinto tambem tem e stylo, sómente é facil comprehendêr-se que não é solido senão porque é feito com fita lustrosa muito flexivel e podendo-se torcê-la e adaptar exactamente a cintura sem engrossar-a. Muita fita nos vestidos leves, não só em laços como em profusão.

Paula Candida.



1 e 2. Vestido ornado com viezes. Moldo para as frentes: Nº XX: Fôro do corpinho: Nº X; collarinho: Nº II.

**1 e 2. Vestido ornado com viezes.** — Moldes: frente: Sup. N° XX. Collarinho: Sup. N° II. Fôrro do corpinho: N° X. — Os desenhos representam um vestido de lã escura com mangas e viezes de seda adequada, e um vestido de crepe de lã clara guarnecido com bordado aberto. A saia de canudos tem 4 m. 60 cent. de roda. É forrada com escossia até a metade. Os viezes ou bordado tem 3 1/2 cent. nos pannos da frente e dos lados, são graduados de 64 cent. de altura no meio adiante com intervallos de 3 1/2 cent. sobre 57, 37 e 26 de altura. Do lado, tres viezes tem 97, 108 e 96 cent. com um outro grupo de 49, 63 e 53 de altura. O fôrro do corpinho é justo e fecha adiante. A fazenda de cima das costas é esticada com ornamentos de viezes conforme o desenho I. O fôrro das frentes é coberto de seda e as frentes da fazenda igualmente para formar os rebuços que deve-se ajuntar e revirar. A fig. 92 dá o molde-methodo da fazenda de cima, a dobra do collarinho para o rebuço, pregueado na beira curta adiante e preso com uma fivela na gola (marcada por uma linha de dobra) sob um arranjo de renda, feito com duas pontas de 17 cent. sobre 30 cent. Abaixo da gola prega-se duas fitas de setim descendo sobre as frentes para acabar em bico muito enviezado, na cintura sob rosetas e entrando no cinto. Abaixo da gola prega-se de 10 cent. forrada de seda. Collarinho em pé sobre 5 cent. A seda é furta cor.



**3. Caixa para collarinhos. Pyrogravura e pintura.** — Motivos de ornamento: Sup. figs. 45 e 46. — A tampa da caixa tem 8 1/2 cent. de altura sobre 16 1/2 cent., cruza em cima, 3 cent. de altura. O motivo de ornamento, Sup. figs. 45 e 46, convem para uma caixa maior, punctuando-se uma maior parte do fundo da tampa, alargando-se a circumferencia exterior com a sua cercadura de 1 1/2 cent., aumentando depois a distancia entre as letras da inscripção. Grava-se bem todo os contornos das fôlhas e das flôres, as veias e os estames e punctua-se regularmente o fundo da tampa até a cercadura estreita. A beira do fundo fica separada por uma carreira de contas muito accentuadas e forma um quadro exterior assim como em volta do galho do meio. Pinta-se o resto com aquarella verde musgo e grava-se a inscripção. Pinta-se as flôres e as fôlhas á oleo; as flôres abertas são cor de rosa por dentro e brancas por fóra, as outras são encarnadas, os botões e a folhagem verde musgo, os calices ligeiramente amarelhados. A inscripção "Mais horas de felicidade do que gottas no mar" ou outro qualquer desejo, deve ser gravado com lapis encarnado e envernizado.

5. Flôr de panno com pregadeira. Molde: N° XIV.

**4. Envolvero para farnel.** — Duas caixas de fôlha que contenha 1/2 k de cacao pôdem servir para receber pão, carne, etc., para levar-se em viagem. O nosso modelo representa um envolvero pratico para transportar-se commodamente. Toma-se uma tira de linho cinzento de 36 sobre 32 ornada com quatro galões de talagarça de 3 1/2 cent. cada um, bordados com ponto em cruz com linha azul e encarnada. Fecha-se a tira de linho em redondo e dispõe-se sobre as ourelas exteriores uma corrediça para enfiar a fita de cor adequada. A alça sobre 13 cent. é feita com um galão duplo de talagarça bordado sobre os dous lados.

**6. Almofada para cadeira.** — Duas caixas de fôlha que contenha 1/2 k de cacao pôdem servir para receber pão, carne, etc., para levar-se em viagem. O nosso modelo representa um envolvero pratico para transportar-se commodamente. Toma-se uma tira de linho cinzento de 36 sobre 32 ornada com quatro galões de talagarça de 3 1/2 cent. cada um, bordados com ponto em cruz com linha azul e encarnada. Fecha-se a tira de linho em redondo e dispõe-se sobre as ourelas exteriores uma corrediça para enfiar a fita de cor adequada. A alça sobre 13 cent. é feita com um galão duplo de talagarça bordado sobre os dous lados.



11. Manteigueira. Pyrogravura. Motivos de ornamento: Sup. figs. 96 e 97.

12. Caneca de madeira com pyrogravura. Motivos de ornamento: Sup. figs. 98 e 99.

**5. Flôr de panno com pregadeira.** — Molde: N° XIV. — O galho de narcizos sustentando uma pregadeira pôde ser pendurado na janella, no espelho ou no toucadôr. O calice redondo é de veludo cor de laranja, tem 8 cent. de diametro; dobra-se o tecido 2 1/2 cent. além da ourela, franze-se ao lado da prega e ainda uma vez perto da ourela exterior e forma-se assim uma cabecinha a qual será ligeiramente pintada com um pouco de encarnado. Corta-se cinco petalas de veludo branco, conforme a fig. 77, junta-se todas desde o ponto até a estrella com uma costura, do avesso, e volta-se. Prega-se as petalas acabadas, conforme a indicação adaptando-as no calice amarello. Corta-se conforme a fig. 78 um fundo de papelão sustido por arame e faz-se as fôlhas, compridas e curvas, de veludo verde; para a fôlha direita do meio pôde-se facilmente servir-se do molde das outras; curva-se graciosamente a forma das fôlhas. A haste é feita com junco fino e redondo tendo 22 cent. enrolado de fita verde, prega-se um laço de fita verde e amarello na extremidade inferior. A pregadeira tem 2 cent., é coberta com veludo verde de um lado, veludo amarello do outro e ornada com borlas sobre tres lados; no quarto canto prega-se um laço de fita. Fita amarello de 12 cent. para atar a pregadeira no galho de narcizos.

**6. Almofada para cadeira de jardim. Pyrogravura sobre couro.** — Motivos de ornamento: Sup. fig. 93. — No modelo os ellos entrelaçados mais accentuados em baixo, mais finos em cima são feitos sob uma corôa, a qual pôde-se substituir por um monogramma. Calca-se o motivo sobre fundo de couro claro, e queima-se os contornos, executa-se as partes sombreadas das fôlhas e dos ellos em traços cruzados feitos com lapis pontudo e vertical ou com lapis largo e obliquo para as articulações e o enchimento dos pontos. Sobretudo para o escudo, os contornos são bem exactos e destacados do fundo. Tingem-se ligeiramente com barro de Sienna as partes som-



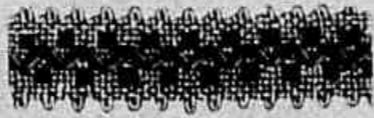
3. Caixa para collarinhos. Pyrogravura e pintura. Motivos de ornamento: Sup. figs. 45 e 46.



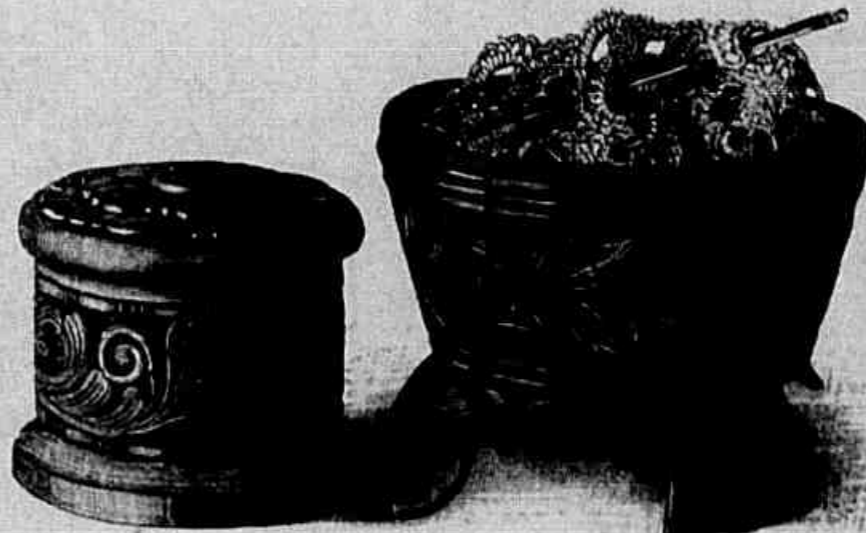
4. Envolvero para farnel.



6. Almofada para cadeira. Pyrogravura sobre couro.



9, 10. Galões para guarnição. Bordado ligeiro sobre fita de rente.



13 e 14. Porta-pregadeira e caixa de trabalho. Sculptura norueguense em relevo. Motivos de ornamento: Sup. figs. 47 e 48 a.

breadas e uma parte dos contornos para accentual as mais. A parte de cima tem 38 cent. de largura e 58 de altura, é cheia de pennagem e forrada de baieta. É cercada com cordão grosso urldido pardo e cor de barro o qual tambem dá a alça de 45 cent. e é ornada com borlas de 12 cent.

**8 a 10. Galões bordados para guarnição.** — As linhas duplas em zig-zag do des. 8 são entrelaçadas com fios de cor diferentes. No des. 9 vê-se uma simples linha rendada acompanhada de pontos em cruz diferentes. O des. 10 mostra pontos verticaes regulares, entrelaçados dous a dous por pontos curtos atravessados de cores diferentes.

**11. Manteigueira com pyrogravura.** — Motivo de ornamento: Sup. figs. 96 e 97. — O objecto em modelo tem seus tres pés de madeira branca e o vaso é de vidro ou porcelana, como muitos outros, provem da Noruega. Estas manteigueiras são de diversos tamanhos; o nosso modelo tem 15 1/2 cent. de altura incluindo os pés que tem 3 cent.; o vaso tem 6 cent. de altura. A tampa é fixa por cortes feitos na armação.

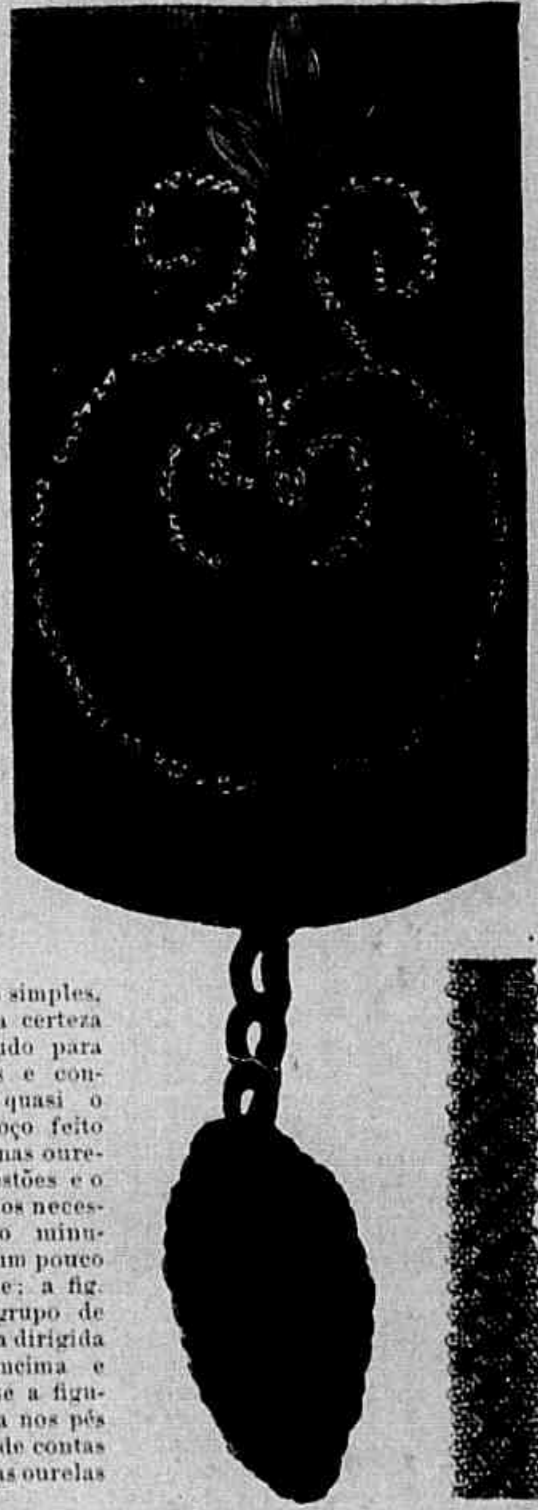
Entre os dous arcos da manteigueira acha-se os ornamentos de pyrogravura. As figs. do motivo, ellos e folhagem são simples, porém a finura e a certeza da execução sobretudo para os lados com veios e contornos, dão lhes quasi o caracter de um esboço feito á penna, sobretudo nas ourelas rendadas com festões e o enchimento dos trevos necessitam uma attenção minuciosa. A fig. 96 dá um pouco mais da quarta parte; a fig. 97 representa um grupo de motivos da cercadura dirigida alternativamente em cima e em baixo. Repete-se a figurinha da parte cheia nos pés da armação: um fio de contas forma a cercadura das ourelas exteriores.

**12. Jarro de madeira com pyrogravura.** — Motivos de ornamento: Sup. figs. 98 e 99. — Este objecto é muito usado na Noruega porém aqui é mais um ornamento. O modelo em miniatura tem 8 cent. de altura, 6 cent. de fundo; é ornado de pyrogravura conforme os motivos de ornamento cuja fig. 99 representa uma parte da cercadura e a fig. 98 uma quarta parte da tampa. Os contornos são muito accentuados e cercados com pontinhos estreitos, os triangulos entre os quadrados indicão o mesmo enchimento de pontos. Trabalha-se com lapis de queimar muito pontudo e encarnado.

**13 e 14. Porta-pregadeira e caixa de trabalho.** Sculptura em relevo norueguense. — Motivos de ornamento: Sup. figs. 47 e 48. — A caixa redonda que serve de porta-pregadeira tem 6 cent. de altura e 8 cent. de diametro; a fig. 47 dá uma quarta parte do ornamento da tampa e a fig. 48 a um grupo de motivos para a cercadura até recommençar o motivo. Para a folhagem da caixa de trabalho, a fig. 48 b dá um grupo de motivos. Calca-se o desenho como sempre, entalha-se todos os contornos com o instrumento proprio, assim como já o ensinamos no numero 12, cava-se o fundo e molda-se os arabescos e as fôlhas com a rodinha e o ferro curvo, finalmente punctua-se o fundo com lapis de sombrar. Os des. 13 e 14 indicão o ornamento dos pés. As duas linhas cavadas formando o quadro da cercadura de fôlhas são feitas com o ferro de lavar, ou então pôde-se encomendar ao torneiro. O diametro superior da caixa de trabalho é de 11 1/2 cent. o do fundo, 7 1/2 cent. de altura total, incluindo os pés de 2 1/2 cent., é de 7 1/2 cent. Pôde-se macerar os objectos ou deixar-lhes a alvura natural da madeira.

**7. Bordado e bolinha de crochet para a coberta, dess. 17 e 18.**

**8. Galões para guarnição. Bordado ligeiro sobre fita de renda.**



**15 e 16. Fructeira e prato. Pintura de laca russa.** — Motivos de ornamento: Sup. figs. 94 e 95. — Ensinamos ha pouco tempo a technica nacional da pintura de laca e damos hoje mais dous modelos: uma fructeira e um prato. Acha-se estes objectos já promptos; são de madeira branca, porém tambem pôde-se encomendal-os a um torneiro. A fructeira tem 8 cent. de altura, incluindo os 4 cent. para o pé que tem 8 1/2 cent. de diametro; a fructeira um pouco funda tem 18 cent. de diametro. Para o ornamento superior pôde-se tomar o motivo da caixa para collarinhos, des. 3; e para a superficie inferior a cercadura do des. 3 do Numero 10, e o des. 57 do mesmo Numero dá um galãozinho que pôde convir para o ornamento do pé. O fundo é encarnado; as figs. do motivo têm o fundo encarnado e os ornamentos dourados. Para o motivo superior

**17. Coberta para meza redonda ou banquinho. Bordado com applicação.** Vista estendida, des. 18; trabalho e bola, tamanho natural, des. 7.



15 e 16. Fructeira e prato. Pintura de laca russa. Motivos de ornamento: Sup. figs. 94 e 95.



17. Coberta para meza redonda ou banquinho. Bordado com applicação. Vista estendida, des. 18; trabalho e bola, tamanho natural, des. 7.



19. Capota para senhora de idade.

da fruteira as folhas e as flores de ouro tem as veias e as sombras pretas. Linha de ouro accentuada acompanhada de uma outra emcima e uma preta em baixo. O prato, des. 16, é de um caracter russo, as folhas são verdes, as flores encarnadas e pretas, o fundo dourado. A fig. 94 dá a parte central, a fig. 95 uma parte da cercadura exterior onde o ouro tem uma ligeira tintura verde, as folhas são verde musgo, o ello cruzando por fóra é preto com floresinhas encarnadas sem contorno, a folha do meio, tendo 5 pétalas é feita com um contorno largo assim como o calice e os veios pretos: os arabescos entre as folhas são pretos. A parte do meio, a beira exterior são cercadas de encarnado, faz-se uma linha preta entre o fundo e a beira do prato. O exterior é encarnado com barra larga dourada.

17, 18 e 7.

**Tapete para meza redonda ou ban-**

**quinho.** — Motivo de ornamento: Sup. fig. 43. — O fundo póde-ser de panno ou frisa parida, tem 74 cent. de diametro. Aplica-se em principio lugar a estrella hexagone, cuja fig. 48 representa uma sexta parte. As figs. de folha entre as partes da estrella são de panno azul passado; as figs. de coração, de 1 cent. de largura e a estrella central, são de panno pardo; fixa-se as figs. recortadas do modo já conhecido com colla de marceneiro applicando-as com pontos remendo estreitos nas beiras. Estica-se acima das figs. cinzentas uns fios de lã do Norte adequada, um pouco mais escura e fixa-se estes fios com pontos de remendo com fio de ouro. Contorneia-se algumas destas applicações, prepara-se cadeias de m. sôltas feitas com lã do Norte preta pregando-as depois com o avesso para fóra; as outras figs. do motivo são contorneadas com o mesmo fio lustroso. As figs. do crescente da beira exterior são bordadas com ponto de alinhavo feitos com lã do Norte e contorneados com linha lustrosa; o des. 7 dá uma destas figs. e uma bolinha em tamanho natural; as bolinhas são feitas com crochet lã do Norte com m. de remate. Começa-se com 2 m. sôltas e continua-se em spiral até 7 m. de roda, introduz-se um rolinho da frisa de 1 1/2 cent. de largura e 5 cent. de comprimento, continúa-se em volta com o mesmo numero de m. para cobrir este rolinho, diminuo-se depois, fecha-se solidamente o trabalho de crochet. O cordão no qual suspende-se a borla é de crochet; sendo aquella feita com 6 m. sôltas separados no meio por 1 pontinha de 5 m. sôltas e 1 m. de remate voltando para a 1ª m. sôlta.

**19. Capota para senhora de idade.**

— É de palha fantasia preta, guarnecida com um laço de fita de setim Nº 12 e bridas iguaes. Azas de vidrilho no laço e motivos de vidrilhos fixando as bridas.

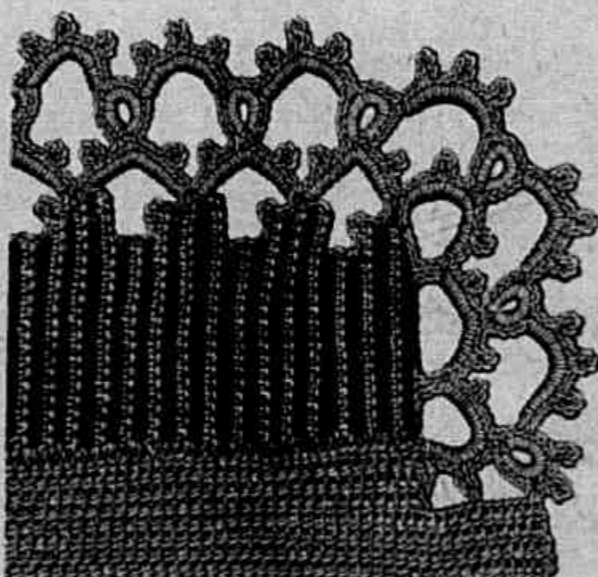
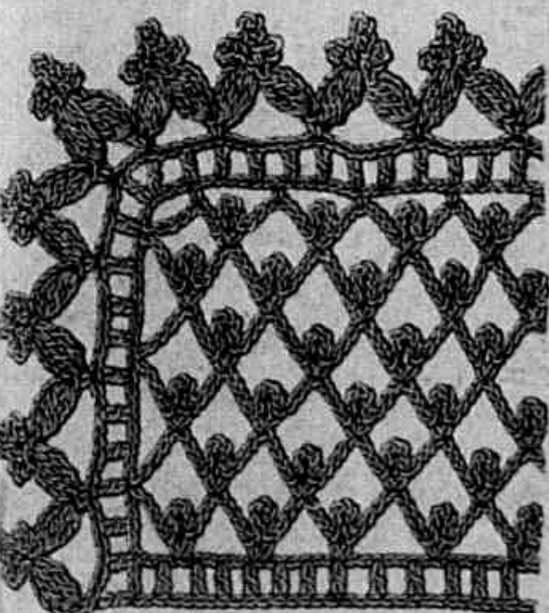
**20. Toucado hollandez para meninas.**

— Molde e motivo de ornamento: Sup. No III. — O toucado é de seda das Indias bordado com seda de Argel multicores com ponto de alinhavo e ponto entrelaçado. Corta-se conforme o molde, tamanho natural, figs. 14 e 15 e ajunta-se o refego de 9 cent. na parte toucado que deve ser bordada antes de ser armada.

**21. Chapéo de fazenda para meninas de 3 a 5 annos.**

— Vista das costas: Sup. fig. 100. — É de setim cor de rosa e gaze de seda listrada. O fundo de gaze é duplo, forrado de seda cor de rosa, compõe-se de uma parte de 28 cent. de comprimento sobre 32 cent. de largura, arredondada um pouco emcima e enviezando dos lados de modo que a onrela direita inferior fique reduzida a 26 cent. Faz-se sobre as outras onrelas quatro pregas de cada lado para dar uma circumferencia de 60 cent. Sobre-se esta fórma com gaze de seda sobre 13 cent. de altura e 8 cent. de largura, colloca-se a beira adeante, empregando uma tira de gaze tendo 120 cent. de comprimento e 10 cent. de largura franzida, formando uma prega chata, no meio de 13 cent. Sobre-se o fundo com setim, 60

26. Ornamento bordados para collarinhos e punhos.



28 e 29. Trabalho de crochet para collarinhos e punhos.

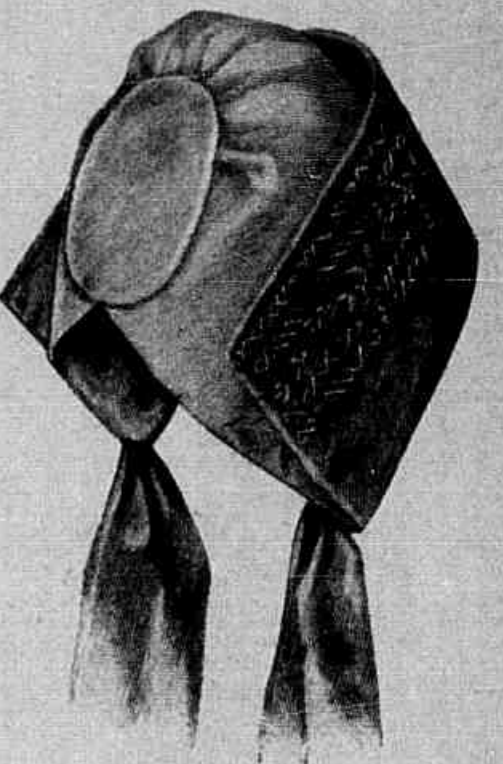
cent. sobre 22, franzido sobre arame, até 37 adiante, depois 39 a 5 cent. d'intervallo de cada lado e sem aramé até 35 na aba atraz. Arranja-se esta parte de modo que a adaptação da aba do chapéo fique coberta com a aba de deante (véde fig. 100). Pregas fundas e regulares reunindo esta parte ao fundo de gaze teza. Folho de 90 cent. sobre 10 cent. Guarnição de gaze franzida e preguçada tendo 50 cent. de comprimento e 9 cent. de largura. Laços e bridas de fita de setim.

**22. Chapéo de viagem para senhoras.**

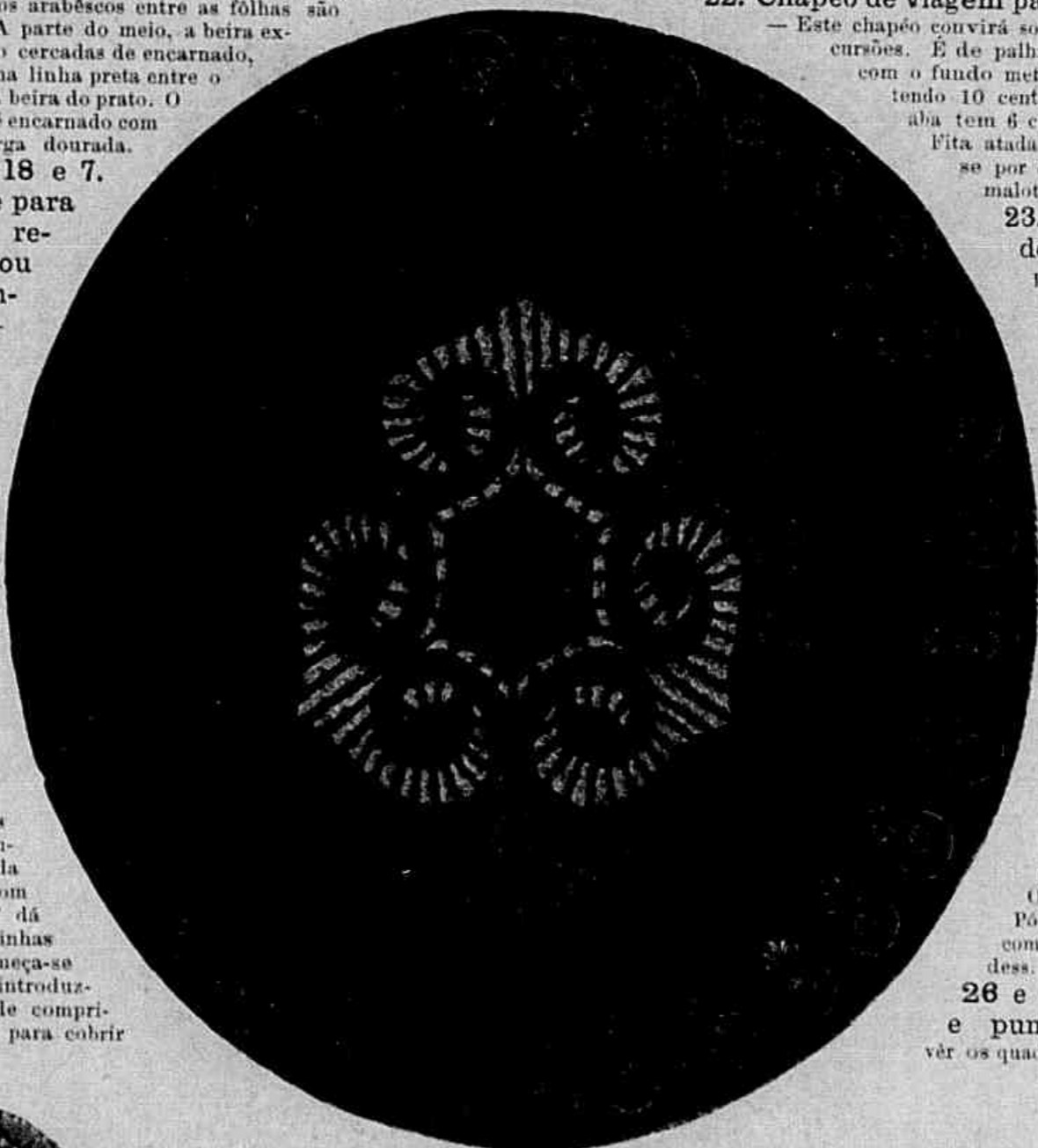
— Este chapéo couvrá sobretudo para excursões. É de palha preta e branca com o fundo mettido para dentro tendo 10 cent. de altura. A aba tem 6 cent. de largura. Fita atada do lado. Fórra-se por dentro com chamote cor de barro.

**23. Chapéo redondo.**

— É de palha cavaco, lilaz, muito leve coberta de crepe lilaz. O fundo é chato e a aba de 6 cent. adeante e tres atraz, cerca o rosto. A renda amarellada, tem 9 cent, é preguçada e sustida por um fio de arame a 1 cent. da aba. Ornamento de renda igual atraz e tufos de heliotropio matizadas desde mais claro até escuro. Colloca-se tres rosas claras, com folhagem, sob a aba um pouco levantada.



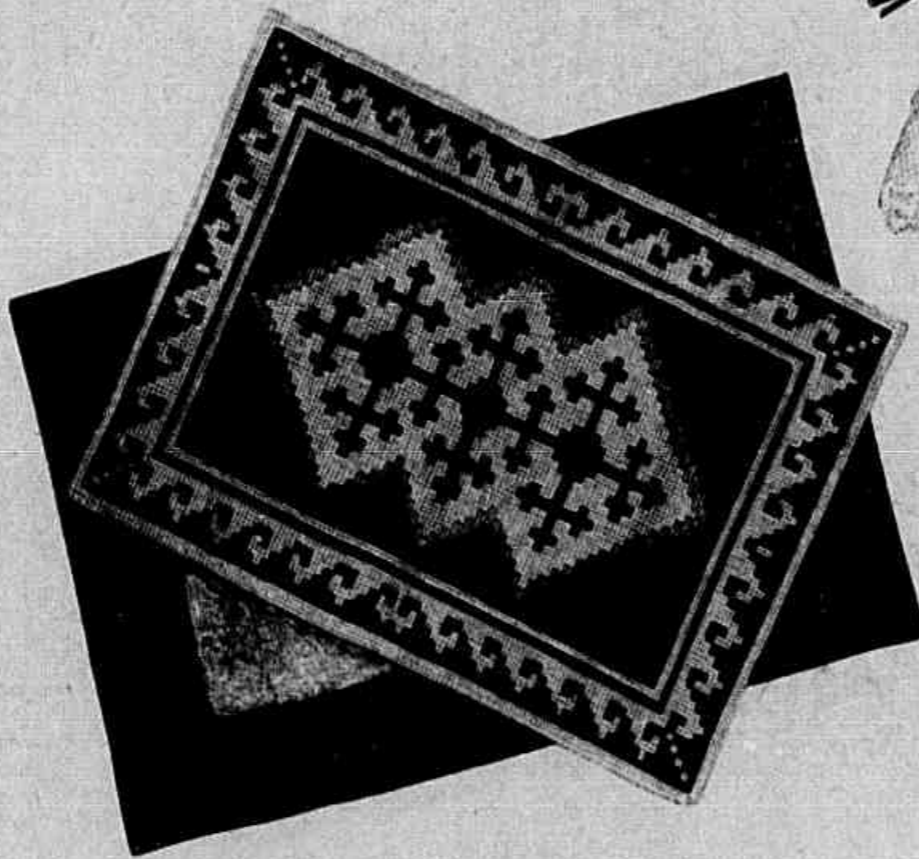
20. Toucado hollandez para meninas. Molde e motivos de ornamento: Sup. Nº III.



18. Coberta para meza redonda ou banquinho. Bordado com applicações. Vista em miniatura com beira de borlas de crochet, des. 17; trabalho e borla, tamanho natural, des. 7. Motivo de ornamento: Sup. fig. 43.



22. Chapéo de viagem para senhoras.



24 e 25. Tapete com bordado com ponto em cruz. Véde a cercadura, des. 30.



23. Chapéo redondo de palha fantasia.

hos. 1ª carreira: 9 m. sôltas, 1 m. de remate na 3ª m. antes da ultima m. sôlta; \* 9 m. sôltas; 1 m. de remate na 8ª m. da carreira de m. cadeia; 5 m. sôltas; 1 m. de remate na mesma m.; recomeça-se desde a estrella; para acabar, 1 m. de remate na 5ª m. das m. cadeia — 2ª carreira: 1 m. de remate na 5ª m. do primeiro festão; 9 m. sôltas; 2 m. de remate separadas por 5 m. sôltas, na 5ª m. sôlta do festão seguinte; recomeça-se desde a estrella; acaba-se a carreira com 1 m. de remate na 5ª m. sôlta — 3ª carreira: 1 m. de remate na 1ª m. de remate, \* 9 m. sôltas; 2 m. de remate separadas por 5 m. sôltas na

27. Ornamento bordados para collarinhos e punhos.



30. Cercadura com ponto de crochet, para tapetes de banho; desenhos 24 e 25 e tambem para as cobertas, traveseiros, etc.

Pardo. Encarnado. Amarelo escuro.



31. Capinha com costas justas. Vêde a frente, des. 68. Molde: N.º VII.

32. Vestido guarnecido com peças de fita. Vêde as costas, des. 53. Molde para a fazenda de cima da manga e do punho: N.º XVI.

33. Vestido inglês genero (alfaiate) com hombro cahido. Molde do corpinho (feito alfaiate. Molde do corpinho e vista das costas: N.º I.

34. Vestido com fichu. Vista das costas, des. 70. Molde: N.º I.

35. Vestido com camisinha e collarinho de cambráia. Molde para as frentes, o collarinho e vista das costas: N.º XIII.

36. Vestido com corpinho de renda. Vista das costas: des. 60. Molde: N.º X.

prosilha alternando com 2 m. sóltas; para a rendada nas mesmas ourelas: 1 m. de remate na ourela; 5 m. sóltas; 2 presilhas duplas tomadas juntas: 3 biquinhos, cada um feito de 5 m. sóltas e 1 m. de remate prendendo na 1.ª sólta; 2 presilhas duplas tomadas juntas na 9.ª m.; 4 m. sóltas; 1 m. de remate na mesma 9.ª m., recomence-se desde a estrela. O canto, segundo o des. 28, não tem dificuldade alguma. No segundo modelo, des. 29, a parte interior é feita com ponto prezo (m. de remate prendendo sempre a m. de dentro, em carreiras indo e vindo) os lados compridos, com biquinhos, alternão com os mais curtos sem biquinhos. Faz-se para a largura, incluindo o biquinho. 23 m. sóltas, passa-se a ultima m. sólta e faz-se na carreira indo 22 m. de remate e voltando 20 m. de remate; seguem 3 m. sóltas para o segundo biquinho; para a carreira indo faz-se 22 m., e voltando 17 m. de remate, pois agora seguem-se 3 carreiras curtas tendo 17 m., depois da ultima, faz-se mais 6 m. cadeia e executa-se 3 carreiras com biquinhos como já indicamos. Assim deve-se alternar sempre 3 carreiras compridas e 3 curtas até que o collarinho e os punhos tenham a largura desejada, o fundo acaba com 2 carreiras com biquinhos. O punho da beira à direita é feito do seguinte modo: carreiras indo somente e com m. de remate. As quatro primeiras sobem à fio direito; as 4 seguintes excedem de 10 m. de cada lado (faz-se sempre m. cadeias para começar) afim de dar mais consistência à renda que cerca o fundo. Para executar a é necessario uma carreira de supple-

mento, prendendo sempre cada biquinho do meio com 1 m. de remate e passando para o biquinho seguinte por meio de 9 m. sóltas, entrelaçase o fio do trabalho na beira atravessada à fio direito; em seguida: 5 m. de remate na beira de 8 m. sóltas; entrelaçase a 1.ª m. de remate; 2 m. de remate; 1 pontinha de 4 m. sóltas e 1 m. de remate voltando para a ultima m. de remate; entrelaçase no meio do biquinho da beira saliente do punho; 3 m. de remate; 8 m. sóltas para a rodela; entrelaçase na ultima m. de remate; 13 m. de remate na rodela, entrelaçase depois a 5.ª m. de remate nos cantos do punho; na 1.ª rodela de m. sóltas faz-se 3 m. de remate, 1 biquinho 5 m. sóltas; 7 continua-se na ourela pregueada 10 m. de remate; 9 m. sóltas; entrelaçase na 18.ª m. de remate antes do fim da 1.ª rodela; 3 m. de remate em volta destas 9 m. sóltas; 1 biquinho; 3 m. de remate; 8 m. sóltas para a rodela; entrelaçase na ultima m. de remate; 5 m. de remate na rodela; 7 m. sóltas; entrelaçase na 5.ª antes da ultima m. da rodela; 12 m. de remate em volta das 7 m. sóltas; depois de 3 destas m. de remate faz-se 1 pontinha entre; 7 m. de remate na rodela; 1 m. de remate na m. final da rodela; 3 m. de remate em volta da rodela de m. sóltas seguinte; 1 biquinho; 5 m. de remate em volta da mesma rodela; recomence-se desde a estrela. O fecho do cinto está explicado pelo des. 29; deve-se fazer os festões de m. sóltas; logo salta-se as 10 m. de remate no correr da carreira superior prendendo a beira dos pontos pregueados assim como as 9 sóltas que seguem e as quaes serão

de novo juntas quando-se fizer a guarnição da segunda beira atravessada.  
**31 a 68. Capinha com costas justas.** — Molde: Sup. N.º VII. — É de veludo azul, cor de aço, guarnecida com grandes folhos de renda preta, concheados de fita e fita N.º 12. Forra-se com tafetá firta-côr azul e verde. Cobrese o forro lizo das costas, fig. 37, conforme os signaes, com a parte de cima, fig. 38, arranjada em pregas segundo cruz e ponto e adapta-se depois a parte romeira de 17 a 18, fig. 39. O grande collarinho, com rebucos, fig. 40, é de veludo cortado duplo sobre forro de escossia. O folho de renda, de 150 cent., de comprimento sobre 33 de largura, ligeiramente arredondado na parte superior é como a parte-romeira, adaptada sob uma fita. Cerca-se a romeira e as ourelas interiores e exteriores do collarinho com concheados bem fornecidos, de fita. Arranja-se os laços conforme os desenhos.  
**32 e 53. Vestido guarnecido com concheados de fita.** — Molde: Parte de cima da manga e do corpinho: Sup. N.º XVI. Para o forro do corpinho: N.º I. — Este vestido, de crepe preto urdido com seda, é guarnecido com fita de setim N.º 3 e rendas; pode-se fazer de qualquer outro tecido e de qualquer cor. A saia de canudos é forrada de tafetá com folho por dentro sobre 10 cent. O forro do corpinho colcheta adeante; estica-se a parte de cima no lugar dos botões muidos. O forro é fechado no meio com colchetes. Em

A fig. 85 dá o molde-methodo para as frentes, a linha grossa indica a parte esquerda mais estreita, e a linha fina a parte direita a qual cruza por cima com uma prega chata no meio adeante, que sera postica. As linhas pintadas de pontinhos marcam as dobras das pregas guarnecidas com concheados de fita franzida. Dobra-se a fazenda na ourela adeante e faz-se uma bainha de 4 cent., guarnecida com um concheado de fita. Ajusta-se a parte de cima com franzidos nos hombros e na cintura. A pala adeante e atraz, sobre 27 cent., é de renda preta. A fig. 86 dá o molde da manga. Deve-se arranjala sobre um forro usual, franzido a parte de cima no comprimento de estrela a ponto duplo, assim como toda a largura da cava. A gola e o cinto são de fita; rosetas adeante.  
**33. Vestido forma inglesa. "Tailor-mode" com hombreira allongada.** — Molde para o corpinho e vista das costas: Sup. N.º I. — Este modelo, muitissimo pratico, é de "vovert coat" cor de barro. As figs. 1 a 5 dão o molde do corpinho, tamanho natural, justo e redondo, sem costuras do seo, porém com frentes arqueadas, figs. 1 e 2, caracterizando o corte inglês. A linha fina sobre a fig. 1, indica a parte estreita que cruza, adaptada vindo de e abotoada à direita com botões-simhus muidos. O forro é fechado no meio com colchetes. Em



33. Saia com folho largo.

40. Saia com folho estreito.



41. Vestido com palar redondo. Molde para a manga e vista das costas: N.º VIII.



38. Paletó guarnecido de rendas. Molde e vista das costas: N.º XVIII.

cima somente, deve-se fazer o hombro cahido, ajustando-se nos hombros. As letras finas e as letras sobre as figs. 1 e 5 indicão o forro, as linhas do corte marcam a parte de cima que excede e a adaptação dos hombros sobre o forro da manga, fig. 6, que deve ser chata até a linha fina. A parte de cima da manga, bem larga é pregada de a a g, as figs. 7 e 7 b dão o molde com a linha do corte. Como a largura não pôde ser dada inteiramente, ajusta-se conforme cruz e ponto. Prega-se uns vizes de fazenda de cent. 1/2, pospostados nas costuras e na ourela do corpinho e como guarnição para a saia, conforme o desenho 23.

**34 e 70. Vestido com fichu de rendas. Chapéo e guarda-sol.** — Para o molde: N.º I do Sup. — Este bonito vestido de crepe listrado branco e azul com fichu de crepe molle branco e renda de filé bordado sobre 25 cent., é guarnecido com surah azul para o cinto, ou com fita de chamalote branco. A saia é lisa e o corpinho-blusa é decotado adeante em forma de coração. Para o fichu, emprega-se um pedaço de crepe molle de 110 cent., de comprimento e 33 de largura, franzido no meio em sentido atravessado sobre 10 cent. A renda, bem franzida sobre 25 cent., a partir das ourelas atravessadas, é pregada lisa e diminúe depois a 6 cent. de largura. Uma tira de renda de 120 cent., pregada pé com pé, forma as pontas do fichu, de 60 cent. de comprimento e 15 de largura. Apanha-se a manga sobre a cava. Botões decorativos na cintura.

**35. Vestido com camisinha e collarinho de cambráia.** — Vista das costas e molde para a frente e para o collarinho: Sup. N.º XIII.

37. Costume para meninos de 5 a 7 annos. Vista das costas, des. 52. Molde: N.º XII.

— O vestido é de "grenadine" de lã com camizinha e collarinho de cambrá branca, guarnecidos com entremeios e renda crême. Cruz e ponto indicão a prega que reúne-se hermeticamente e a linha fina indica a dobra interior. Remata-se as pregas com botões de madreperola, trancelim de seda e um lacinho de renda irlandeza. A fig. 76 dá as costas e os quartinhos. Faz-se o collarinho com tiras de cambrá cosidas formando preguinhas miudinhas e guarnecidas com entremeios de renda. Deve-se ajuntal-o até ponto duplo com as orelhas arqueadas do corpinho e guarnecel-o com uma rendinha continuando na orelha do corpinho. A manga é feita de diversas partes e guarnecida com botões e trancelim e escossia por dentro, na parte superior. Arranja-se a camizinha com uma grande prega no meio adeante, sobre o fôrro de seda, colchetado na frente. Os punhos são adequados ao collarinho. A saia, de canudos, é toda forrada de seda com cina para os pannos de traz. Guarnece-se com botões e trancelim os pannos da frente, e do lado, formando uma prega larga, na qual deve-se applicar um ornamento de renda enrolado á roda de um ponto de bordado. O chapéo com abas curvadas, é guarnecido com fita e flores.

**36 e 60. Vestido com corpinho de renda.** — Molde! Sup. N° X. — Este vestido é de "zéphir" de xadrezes azues e brancos e é guarnecido com renda branca e fita azul. Corta-se a saia conforme o molde-methodo, fig. 55, a bainha postíca de escossia é de 30 cent. A barra da saia é guarnecida com dois fôlhos enviezados de 4 cent. com cabecinha e entremeios de renda. O corpinho, com barbatanas, sem fôrro, figs. 49 a 52 é colchetado atraz. Deve-se arranjar a parte de cima sobre a pessoa mesma, ficando o pé da renda, de 18 cent. de altura, na orelha do corpinho, formando algumas pregas adeante e atraz no meio. Fixa-se a orelha rendada da renda sobre uma fita de setim N° 12, pregada conforme as indicações. Esta fita, alternando com renda de 6 cent., guarnece ainda duas vezes a parte superior do corpinho. O collarinho em pé não leva guarnição alguma. A manga-presunto, figs. 5 a e b, não necessita fôrro. Antes de cortar, deve-se ter a precaução de unir as duas partes do molde com colla. Apanha-se a manga com rosetas de fita. Duas ordens de fita cercão a cintura acabando com um laço curto e bem fornecido.

**37 e 52. Costume para meninas de 5 a 7 annos.** — Moldes: Sup. N° XII. — Faz-se este costume de cazemira azul com o collete e o collarinho branco. Guarnece-se com bordado e trancelim de ouro. O calção, fig. 62, com tira postíca na costura exterior da perna de d a e, tem tres botões. O corpinho de baixo, fig. 64, cosido na frente, abotão nas costas. O collete, figs. 65 e 66,



43. Avental para creanças. Molde: N° XV.



42. Collarinho largo. Trabalho de renda irlandeza. Vêde o emprego, des. 44. Motivo de ornamento: Sup. fig. 44.



44. Corpinho com collarinho redondo. Collarinho de renda, des. 42.



45. Vestido-blusa para creanças. Molde: N° V.



46. Vestido com fichú para meninas. Vista das costas, des. 48.

47. Vestido guarnecido com rendas e laços para meninas de 6 a 8 annos.

48. Vestido com fichú para meninas. Vista da frente, des. 46.

fêcha atraz com tira e fivella para apertar. A fig. 74 dá a parte interior da véstia; as frentes fig. 67 devem ser forradas de setineta e cazemira até a linha de dobra para formar os rebuços com o collarinho, fig. 70. O collarinho-marinheiro fig. 71 é cortado duplo, adapta-se a tira para as costas, fig. 72, de g a estrella (vêde o interior).

**38. Vestido para estar em casa, guarnecido com rendas.** — Molde e vista das costas: Sup. N° XVIII. — O vestido é de "bengaline" amarella, guarnecido com entremeios e renda preta. As linhas, em traços cruzados, molde-methodo, fig. 88 a e c indicão os entremeios assim com a parte superior das partes do corpinho e das mangas. Pregas sobre a gola e do lado sobre os braços; as dobras simulão as partes-vestia. Franze-se adeante e atraz, o fôlho formando aba tem de 2 m. de largura e 35 cent. de altura. Cinto e laço de chamalote.

**39. Saia de baixo com fôlho largo.** — O modelo, de chamalote cinzento, sustem bem as saias. A parte superior tem 47 cent. de comprimento adeante e 52 atraz. O fôlho adaptado com cabecinha sobre 2 cent. tem 46 cent. de altura sobre 2 m. 50 de roda. A bainha postíca é sobre 12 cent.; o cox é forrado de seda adequada sobre 11 cent.

**40. Saia de baixo de tafetá.** — É de xadrezes com cox de 9 cent., forrada de "shirting". A saia tem 73 cent. de comprimento e 2 m. de roda. O fôlho rendado sobre 18 cent. com cabecinha sobre 2 cent. é pregado sobre um outro fôlho da mesma altura, de tafetá encarnada, com bainha de trancelim pospontado para dar uma certa consistencia á saia.

**41. Vestido com pala redonda.** — Vista das costas e molde para a manga: Sup. N° VIII, para corpinho: N° 1. — O modelo é de tafetá cor de aço furto cor e de pinguinhos, sobre furta-cor azul e encarnado. Este ultimo forma o vestido de baixo completo. A pala excede nos hombros de 16 cent. adeante e 18 atraz. As costas são de tafetá cor de aço, na frente prega-se um plastrão pregueado. As frentes deixão o vestido de pinguinhos visível. O vestido é colchetado nas costas. A manga de baixo é justa, de pinguinhos e o fôlho pregueado encalça no hombro, conforme as linhas e os signaes. Prega-se uma bainha postíca á roda do fôlho que fica solto.

O collarinho e os punhos são de linho com bainha abertas.

**42. Grande collarinho.**

Ponto de renda irlandeza.

— Motivo de ornamento: Sup. fig. 44.

— Decalca-se o motivo sobre linha "ponce", alinhava-se em primeiro lugar a fita de renda, franze-se as orelhas exteriores com uma linha bem fina, junta-se invizivelmente as fitas nos pontos de junção e executa-se então os pontos de renda e as aranhas, muito conhecidas e simples.

**43. Avental para creanças.**

— Molde: Sup. N° XV. — O modelo é de linho cinzento,

guarnecido com galão tecido de cor de 1 cent. As figs. 79 e 80 dão a pala e a frente do avental. Forma-se quatro pregas lisas na frente que é pregada á pala, de estrella á ponto duplo. As costas, fig. 81, formão duas pregas. — Deve-se juntal-as de 1 a 2 ao avental adeante e de 3 a 4 sobre o hombro com a pala. A manga-blusa, fig. 82, é franzida e é pregada em um punho, fig. 83. Sob as pregas lisas, prega-se um fôlho enviezado, fig. 84, formando uma ponta. O collarinho é feito com um vizez pospontado de encarnado na gola. O cinto tem 80 cent. de roda e 8 1/2 de largura; guarnece-se com galão.



49. Colletinho grande com plastrão para vestidos. Vista das costas dess. 55 e 66. Para a guarnição e a manga. N° II corpinho e saia: N° X.

**44. Corpinho com collarinho.** — Este collarinho compõe-se de uma pala de cor clara, com pregueado adequado de 12 cent., coberta com um collarinho de renda amarella de bicos, cahindo sobre o pregueado. O des. 42 representa um bonito modelo de renda irlandeza. A orelha inferior da manga forma duas tiras com pregueado por baixo. O collarinho e o cinto apanhados são de veludo.

**45. Vestido-blusa para creanças de 1 a 2 annos.** — Molde: Sup. N° V. — Este vestidinho, de crêpe de lã azul celeste, é fêchado nas costas. Deve-se guarnecel-o com

renda amarellada de 12 cent. e entremeios adequados. Cobre-se a pala com a parte de cima bem esticada, vêde a linha do corte sobre figs. 25 a 26 e a parte da saia forrada, fig. 27. A fig. 28 dá o forro da manga, a fig. 29, o fôfo arranjado da maneira a deixar a cabecinha das pregas excêder da orela exterior do forro. O collarinho-pala é feito com tiras de fazenda e entremeios (deve-se vêr as linhas finas sobre as figs. 25 e 26 e adaptalo ao vestido pelo collarinho em pé, fig. 30.) Renda franzida sobre duas carreiras e ornamento de pontos entrelaçados com trancelim nas tiras de fazenda da pala e no collarinho. Rosetas de fita N° 5.



51. Vestido com collarinho bordado para meninas. Vista da frente, des. 50. Molde para o collarinho: N° XVII; para o corpinho: N° IV.



52. Costume para meninos de 5 a 7 annos. Vista da frente des. 37. Molde: N° XII.



53. Costa da vésia, des. 32.

tido com collarinho bordado para meninas de 6 a 8 annos. — Molde para o collarinho: Sup. N° XVII. Para o corpinho: N° IV. — Este vestido, e de crêpe de lã, cor de couro, é guarnecido com setim encarnado e entremeios. A fig. 16 dá o corpinho, assim como 18, 20 e 21 do molde. Junta-se o forro do corpinho, pregasse



54. Vestido com facha larga para meninas de 6 a 8 annos. Molde e vista das costas: N° IV.



56. Vestido com collarinho bordado para meninas de 6 a 8 annos. Vista das costas: des. 51. Molde para o collarinho: N° XVII; para o corpinho: N° IV.

46 e 48. Vestido com fichú para meninas de 14 a 18 annos. — É de cambraia ou crêpe de algodão; completa-se o vestido com um fichú adequado. Forra-se a saia de caudos de setineta branca e guarnece-se com fôlhos ou pregueados pregados em festões a 17 cent. da parte inferior com laços de fita de setim N° 22. O forro do corpinho é justo, a parte de cima em forma de blusa, a manga lisa com fôfo cabido, franzido na parte inferior e formando um fôlho sobre 8 cent. com laço de fita. O collarinho em pé e o cinto apanhado são de fita com dobras atrás, escondendo a abertura das costas.



57. Vestido com corpinho apanhado.

Cada metade do fichú tem 32 cent. de comprimento na orela atravessada de traz e 14 adeante. A orela exterior, ligeiramente arqueada, tem 71 cent., a orela interior, 60 cent. de cada lado. Reune-se com franzidos, reduzindo a largura a 11 cent. e adeante a 2 cent. Guarnece-se a orela como a saia, cruza-se o fichú adeante e acaba na cintura sob rosetas. A frente dá um vestido de cambraia cor de rosa guarnecida com um preguado duplo de 14 e 6 cent. de altura. As costas representam um vestido de crêpe de algodão branco com listras de seda cor de salmão

58. Vestido com manga-hombreira. Vista das costas, des. 59.

com fôlho sobre 24 cent., franzido e formando concheado sobre 9 cent. e cabecinha.

47. Vestido guarnecido com renda e laços para meninas de 6 a 8 annos. — A saia, forrada de setineta, tem 44 cent. de altura e 196 de largura; o arranjo simula a continuação das pregas do corpinho. O forro do corpinho justo é fechado nas costas. De cada lado dá-se mais 18 cent. adeante e 16 atrás para as pregas lisas de 5 cent., vindo dos hombros em forma de blusa adeante, porém justas atrás. Arranja-se a renda de 20 cent. sobre 18 de altura abliquamente para formar uma ponta acima da frente e das costas. Faz-se uma hombreira semelhante sob as pregas lisas do lado. A manga-blusa é franzida na parte superior e preguada com punho na orela inferior sobre 6 cent., coberto com renda. Collarinho em pé coberto com crêpe apanhado, cinto e rosetas de fita de setim.

49, 55 e 56. Grande collarinho-plastrão para vestidos. — Molde para a guarnição e a manga: Sup. N° II; para o corpinho e a saia, N° X. — Pôde-se usar este collarinho sobre qualquer vestido. Faz-se de cazemira branca, des. 49, ou de fustão branco, ou de cor, com tiras, des. 55. Atraz pôde ser pontudo ou redondo. Damos os dous moldes, tamanho natural, com o mesmo plastrão para ambos. A manga, de punho, é muitissimo comoda para os tecidos de verão. O Sup. N° X indica uma manga-presunto e os moldes para o corpinho justo. Deve-se cortar o collarinho duplo e sustê-lo por dentro com cassa grossa. É necessario experimentar com precaução por causa da curva do hombro.

50 e 51. Ves-

50 e 51. Ves-



59. Costas do vestido, des. 58.



60. Costas do vestido, des. 26



46 e 48. Vista das costas da guarnição formando collarinho, des. 49. Molde: N° II.



61 e 62. Capa com capuz para creancinhas. Molde: N° VI.



63 e 64. Vestido-blusa guarnecido de renda.





Pl. 1120.

1895, Nr. 13.

# A ESTAÇÃO

Jornal ilustrado para a família

Edição para os Estados Unidos do Brazil

Parfumerie Guerlain Paris  
Espartilhos Léoty, 8 Place de la Madeleine, Paris  
Belleza de Rosto, Leite Antephelico contra as sardas, etc. Candès, 16 Boul. St. Denis, Paris



## CHRONIQUETA

Rio, 6 de Julho de 1895.

Ha algum tempo arredado das columnas da *Estação* por motivos independentes da minha vontade, reenceto a serie das minhas obscuras chroniquetas n'um momento angustiosissimo para a nossa Patria.

Escrevo estas linhas alguns momentos antes da hora marcada para o enterro de Floriano Peixoto, o grande soldado, que vae encher com o seu nome as mais luminosas paginas da historia da nossa terra.

Conto que a augusta cerimonia de hoje seja ainda mais imponente que a da trasladação do corpo do marechal, a 2 do corrente, para a igreja da Cruz dos Militares.

Entretanto, foi bello e magestoso aquelle prestito de oitenta mil pessoas, aquella vagarosa e longa serpente humana, que consagrou, do modo mais definitivo e solemne, a Republica e o homem extraordinario que a salvou das garras dos revoltosos.

Só as almas embotadas na luta dos interesses pessoais, só os espiritos desorientados pela politicagem ruim, só os máos e os inúteis poderão negar o que está provado á luz de toda a evidencia: resistindo á revolta de 6 de Setembro e organizando a victoria, Floriano salvou duas vezes o Brasil; salvou-o em primeiro lugar dos revoltosos que viriam tripudiar sobre os despojos da autoridade e da lei; salvou-o em segundo lugar dos estrangeiros, que por suas mãos se indemnisiariam de serviços prestados aos rebeldes.

Se não fosse esse homem, que vae d'aqui a pouco passar caminho do cemiterio, esse heróe que a misericordia divina collocou um dia á frente dos destinos d'est epaiz, — que teria sido de nós? de que irremediáveis insultos estaria a estas horas coberto o nosso pavilhão? em que abysmo se teria despenhado a nossa dignidade? quantos annos teria retrocedido a nossa civilisação?

Viva Floriano Peixoto! viva glorioso e sereno dentro do coração de todos os bons brasileiros!

ELOY, O HERÓE.

## Lgrimas e Conforto

Ella era galante alegre e donairoza  
Era um anjo, o emblema da candura,  
Olhos côr da noite, labios côr de rosa  
Meiga como as aves, como as flores—pura.

Quantas vezes!... quantas!... toda graciosa  
Me vinha fallar já depois do sol posto;  
Aquella janella... e sempre graciosa  
Me fugia com o seu virgineo rosto!...

Passaram-se dias, mezes... e até annos!...  
E este nosso amôr, julgava eu, mais crescia;  
Fatal illusão!... dos cruéis desenganos,  
Chegou finalmente esse tremendo dia!...

Consultei então meus intimos arcanos  
E fui procurar na solidão sombria  
Esquecer para sempre os protestos insanos  
Desse ser fatal, que a tanto me illudia.

E apesar das magoas que então eu colhi,  
Voltar quem me dera, a esse tempo d'outr'ora  
Eu quizera soffrer o mal que então eu soffri!...  
Por elle eu trocara o meu viver d'agora!...

Desse bello tempo já nada me sorri!...  
Já nada me falla d'essa rubra aurora!...  
Hoje só maldigo o dia em que nasci!...  
Mas antes quizera bem dizer essa hora!...

Mas... ha quanto tempo!... ha quanto!... que já sigo  
—Oh! maldita sorte! Oh! negra ingratição!...—  
—Sem conforto sem norte, sem luz e abrigo—  
O infernal caminho da desillusão!!!...

Hoje só me resta do passado um ai...  
Mas, vós ó mancebos, ide, avante,  
Rendei á mulher o vosso culto—amai  
Que a mulher é tudo!—apesar de inconstante!...

DOMINGOS MONTEIRO.

Majo de 1895.

## Ganguernet

(HISTORIA PARA RIR)

(Conclusão)

III

Apezar da sua vaidado Ganguernet nem de todas essas peças se gloriava, e ha uma que sempre negou, porque havia ameaça de se cortarem as orelhas ao seu auctor, se se conseguisse descobri-lo. Essa fôr-lhe inspirada pelo desprezo que se mostrara pela sua pessoa em certo salão arisocratico. Tratava-se nem mais nem menos do que de uma antiga e nobilissima senhora, e que recebia a melhor sociedade de Rennes.

Entre outros costumes de velha raça, conservava: 1.º o costumes de não metter na sua sociedade homens de baixo nascimento como Ganguernet; 2.º de andar de liteira. Viera a um baile a casa do primeiro presidente do tribunal, baile a que Ganguerete assistira. São á meia noite, n'uma liteira e debaixo de uma chuva formidavel. Quando passava por baixo d'uma dessas biqueiras que entornam as aguas do céu no meio da rua em longas cascatas ruidosas, ouvem-se dois ou tres assobios á direita e a esquerda, apremtam-se quatro homens, os liteiros fogem e abandonam a liteira; mas no momento em que a nobre senhora se julga a ponto de ser assassinada, sente uma horrivel frescura na cabeça. A tampa da liteira desaparecera como por encanto, e a biqueira entornava-lhe torrentes para dentro, enquanto a pobre senhora procurava debalde abrir a portinhola. Debate-se, trepa para cima do assento e ahí, como um biabo mettido n'um pulpito, põe-se a invocar a colera divina sobre os assassinos que lhe fazia tomar um *douche* tão cruel, e que não respondiam ás suas invectivas senão com os mais humildes cumprimentos. O que se considerou mais infame nesta partida foi o facto de se polvilhar o pobre senhora, e de estarem os trocistas com chapéos de chuvas.

Quando o conheci, Ganguernet durava havia dez annos. No meio de todas as existencias mortas e brutas, entre as quaes via, Ganguernet era proclamado como o mais jovial, o mais amavel, o mais divertido da nossa sociedade; pouco havia a quem elle inspirasse uma especie de desprezo; eu peia minha parte confesso que tinha medo desse homem. Esse riso immutavelmente fixado nos seus labios vermelhos, fazia-me mal; essa jovialidade implacavel misturada com todas as coisas da vida, perturbava-me tanto como me podia perturbar o aspecto incessante de um hediondo phantasma; essa palavra repugnante, que elle punha como moralidade no fim de todas as suas acções, essa palavra; Historia para rir! parecia-me sombria, como a phrase do trapista; Irmão, é preciso morrer. Havia uma desgraça nesse homem, devia encontrar necessariamente uma vida que se extinguisse, por elle a querer fazer passar debaixo do nivel fatal do seu divertimento. Havia de vir um dia em que se ria sobre um tumulo que elle pronunciaria a sua famosa phrase: Historia para rir!

Estava eu para sahir de Rennes. Alguns amigos convidaram-me para uma caçada, a que Ganguernet devia ir. Esse nome tirou-me anticipadamente metade do prazer com que eu contava. Entretanto fui de manhã muito cedo para casa de um dos meus amigos: Ernesto de B...

Quando chegavamos, Ernesto estava acabando de escrever uma carta, lacrou-a escreveu o sobrescripto, e pol-a em cima do fogão. Ganguernet muito curioso, pegou-lhe, e leu o sobrescripto.—Olha! disse elle, escreves a prima!—Sim respondeu Ernesto com um modo indifferente; previno a de que iremos esta noite, ahí pelas sete horas, á sua casa de campo, pedir-lhe de jantar. Somos quinze, penso eu, e corriamo risco de apanhar um pessimo jantar se a não avisassemos com tempo.

IV

Ernesto chamou um criado, entregou-lhe a carta, e ninguem reparou que Ganguernet desapareceu um momento com elle.

Partamos. Apenas começou a caçada, eu e Ganguernet fomos para um lado da planicie, enquanto os nossos amigos batiam o matto do outro lado.—Havemos de rir de muito esta noite, diss-me elle.—E porque?—Imagine que dei um luiz ao criado para elle não levar a carta ao seu destino.—Então guardou-a?—Não, disse-lhe que se tratava de uma boa partida, e que levasse a carta ao marido. Elle está n'este momento presidindo o tribunal. Em vendo que tem esta noite quinze galfarros em casa, vae aos ares. E' avarento como Harpagon e a idéa que lhe vamos pôr a ferro e a fogo a capoeira e a adegã inspira-lhe de certo uma furia tal que é capaz de fazer condemnar dez innocentes, para chegar a casa a tempo de impedir o saque.—Se assim é, disse eu a Ganguernet, não me parece a partida das melhores.

—Ora adeus! historia para rir, Demais o divertido ha de ser quando chegarmos. Os outros estalando de fome e de sede, vão a casa da prima do Ernesto, imaginando que encontram uma excellente ceia. E encontram coisa nenhuma.—E imagina que isso me será muito agradavel, disse-lhe eu... e o senhor mesmo não será a primeira victima da sua brincadeira?—Qual historia! tenho aqui um frango frio e uma garrafa de Bordeaux, offereço-lhe metade.—Obrigado, antes quero ir prevenir Ernesto.—Ah! meu

Deus, meu caro, exclamou Ganguernet, não deixa uma pessoa diertir-se á vontade.

Affastei-me e avisei os nossos amigos, perguntando-lhes onde podia encontrar Ernesto. Disseram-me que se dirigira para o lado da casa de sua prima. Encaminhei-me para este citio decidido a ir prevenir a dona da casa da partida de Ganguernet. Ao voltar um cotovello da estrada, vi Ernesto que se dirigia para a quinta, dobrei o passo para o apanhar, e pude chegar quasi ao mesmo tempo; mas elle já entrara a porta quando eu me apresentei. Quando eu ia entrar a porta fechou-se com violencia, e ouvi quasi immediatamente a explosão de uma arma de fogo; depois uma voz exclamou:—Já que te não acertei, defende-te.

Precepiti-me para uma grade que deitava para o pateo, e alli vi o mais horrivel espectáculo. O marido de espada na mão, atacava Ernesto com uma furia desesperada.—Ah! ama-a, e ella ama-te exclamou elle com uma voz rouca e furiosa... Ama-a, e elle ama-te! Tu primeiro, e ella depois.

A carta entregue ao juiz revelára-lhe um segredo que se conservara occulto mais de quatro annos, e, antes de vingar as injurias da sociedade, o juiz viera vingar a sua.

Debalde gritei, debalde appellei para o seu nome de primos; o sr. de... perseguiu Ernesto com cego furor. De subito abriu-se uma janella, e a mulher do juiz appareceu, pallida desgrenhada.—Leonia exclamou Ernesto. vae te embora!— Não! que fique! bradou o sr. de... Está fechada não tenhas medo que venha separarnos. E precepitiu-se de novo para seu primo com tão violenta exasperação, que saltou lume das espadas.—Sou eu que devo morrer, bradou a sr. de...; sou eu! matem-me! matem-me!

Confundi os meus gritos com os seus. Chamei, sacudi a grade, ia trepar ao muro, quando, impellida pelo seu desespero, desvirada, louca, Leonia precepitiu-se da janella, e cae entre o seu amante e o seu marido. Este a quem a raiva enlouquecera, dirige uma espada contra ella. Mas Ernesto desvia-a, e, perdendo todo o receio, exclama:— Ah! queres mata-la? Pois então defende-te: E ataca-o pela sua vez com raiva inaudita.

Eu não podia separar-os, Leonia tambem não: a desgraçada com a queda quebrára uma perna. Era um horroso combate. Não ha não ha palavras que possam exprimir incrível terror que se apoderára de mim! Já corria o sangue dos dois primos, e parecia nao fazer mais do que augmentar-lhes a furia. Entretanto eu chegara ao cimo do muro, e ia saltar para o pateo, quando vi apparecer alguns dos nossos amigos, e Ganguernet entre elle. Approxima-se dizendo.

—O senhor grita como se o estivessem a esfolar; ouvimos-o a distancia de um quarto de legua; então o que succede?

Vendo este homem corri para elle, agarrei-o pelo pescoço e empurrando-o com furia de ancontro á grade, bradei-lhe tambem: Olhe: Historia para rir, sr. Ganguernet, historia para rir!

O sr. de... atravessado por uma estocada, jazia ao lado de sua mulher.

Ernesto foi morrer fóra de França, Leonia envenenou-se no dia seguinte ao d'este horrivel duello.

Historia para rir!

FREDERICO SOULIÉ

## A primeira Abeçam

Ao receber o telegramma, Praxédes ficou gelado e immovel.

O que seria?

Natureza nervosa, alto, magro, moreno, muito susceptivel de sensibilisar-se, sem coragem de ler o conteúdo, pô-lo de parte. Porem, era tal a anciedade que torturava-o que, não podendo por mais tempo soffrer a impacencia, decidiu-se á fazel-o, desse no que desse.

Com tremura bem vizível, sentindo o corpo inteiro como se agitado por um choque electrico, o dilatado olhar percebeu estas palavras, «Nasceu, robusto, e bonito. Eu, boa».

Que doce alegria. Era pae!...

Commovido, beijou o papel ao sentir uma felicidade enorme, e o coração a crescer, crescer, como se fosse pequeno o peito, para contel-o.

Comprehendia agora a alta missão do homem na humanidade, pois que entre o pae e o filho, existe uma corrente que só se desliga pela morte. Naturalmente meigo, apesar de ser inergico conforme a occasião, a mulher para elle, era um ente á cima da religião, uma quasi divindade, por isso amava a sua com tal extremo, que os proprios amigos disso faziam escarneo, chamavam-no ascéta, baptisando-o com apólos que devolveia sem rancor, quando os seus negocios commerciaes affastavam-no da familia, dous, ou tres mezes.

Detestava a falsidade, a traição, por não estar isso muito de accordo com o seu temperamento. Casado havia dous annos, nunca tivera um herdeiro como o continuador da sua vida, dos seus gostos, dos seus desejos, um ser que fosse seu pelo sangue, pelo direito da natureza, pelas leis da paternidade.

Então, a estudar consigo mesmo o caso, intresteciase. Desejava ter essa grande commoção que inibe um homem quasi de tornar-se viril para ficar puzilamine, escravisado, diante dessa criaturinha innocente, querida, mimosa, muito loura, de carnes flacidas; ossinhos como se feitos de gesso, pelle assetinada,

face de velludo cor de rosa pallido, cabellos de fios de seda, a quem o architecto moral tem de chamar «Meo filho».

Finalmente, como que duvidando de si mesmo, podia agora fazel-o. O telegramma dizia a verdade. A sua actividade multiplicou-se; despertou-se-lhe a ambição, quizera ter um thesouro, uma corda real para offerecer-lhe.

O sentimento fel-o encarar a vida sob um outro prisma melhor. Via-o sugar as gottas de leite n'um glut-glut muzical, aljofrando o adoravel seio manterno com as perolas brancas do liquido. Por sua vez mandou tambem este telegramma:

«Breve,ahi—Beijos para elle». Apressou a liquidiação, pôz em ordem os papeis, quando lembrou-se que deveria assignar uma Letra em favor de pessoa que não podia faltar. Inventariando as suas finanças, achou que tendo já a familia augmentado, não devia mais fazel-o por um estranho, prejudicando a seu filho, que seguramente não encontraria caso necessitasse da generosidade de outrem, quem o servisse, em razão do egoismo humano.

Como porem descartar-se do compromisso?... Não era pae?...

E a reflectir que trabalharia com mais affino, que tornar-se-ia, aváro, ouviu bater á port: era o alludido algem, que vinha muito afficto pedir-lhe a garantia.

A escuza foi apresentada... O seu amigo expoz-lhe a situação e para obrigar-o, exclamou: «Em nome de seu filho»!... O coração palpitou com tal violencia, que elle sentio vertigens... Uma resolução brusca, obrigou-o a pedir o fatidico documento.

Sem pensar no que fazia, assignou rapidamente suggestionado pela lembrança do pequenino á quem os olhos d'alma pareciam ver junto de si. Principiavam os sacrificios. «Agradeça á meu filho», murmurou. Com effeito, quem não se convence que esse affecto que aballa os alicerces d'alma, tem tal dominio, á ponto de reduzir o homem á sua vontade, sem espada, nem fogo, nem sangue? Uma semana depois, beijava a mão pallida da esposa, enquanto soffrego, olhava ao redor.

O berço dourado, occulto por nuvens de filó, estava allí. Approximou-se nas pontas dos pés, com o respeito com que se entra n'um templo, temendo profanar a santidade do logar.

A familia seguio-o. Junto da mãe do recém-nascido, sorria contemplando o vulto venerando da avó.

Depois de beijal-o como se fosse uma camelia, re-tendo a respiração, sobre elle, qual antigo patriarcha,

lançou-lhe a primeira abenção, baptisando-o com lagrimas de amor.

Assim, junto ao berço da vida, achava-se a trindade humana: Infancia, mocidade e velhice

IGNEZ SABINO.

THEATROS

Rio, 5 de Julho de 1895.

Depois de uma pequena ausencia, o chronista vem encontrar os nossos theatros em grande actividade. Funcionam todos, com excepção da Phenix, que está passando por grandes melhoramentos e será re-inaugurado, sob o titulo de Theatro Nacional, com uma peça...portugueza.

De resto, Portugal está na ponta. Temos nada menos de duas companhias portuguezas, uma no Lucinda e outrano Apollo. A do Lucinda exhibe actualmente uma velha zarzuela de Barbieri o Segredo de uma Dama, e a do Apollo uma opereta franceza, a Mulher do confeitiro, traducção d'aquella interessante Mme. Boniface, que vimos, ha annos, no S. Pedro, tão bem interpretada por Zelo Duran e Mezières.

Tanto a companhia do Lucinda (Sousa Bastos) como a do Apollo (Taveira) contam bons artistas, que têm tido a melhor aceitação do publico

No novo theatro da rua do Lavradio, que se chama Eden conquanto nada tenha de edenico, representa-se ora o Periquito, ora o inesgotavel Tim tim por tim tim. Não se cansa o publico de dar palmas á Pepa, ao Peixoto e ao Machado.

A companhia do Recreio Dramatico está de torna viagem de S. Paulo, passando uma revista aos seus dramas, dramalhões, comedias, vaudevilles, magicas operetas e revistas.

No Sant'Anna tivemos agora a Madrinha de Carlos, comedia ingleza que passou pelo cadinho francez, e as Tentações de Santo Antonio, zarzuela que não promete fazer precisamente a fortuna do Heller.

A Madrinha de Carlos é uma comedia engraçada, mas não resiste a um máo desepenho.

Continúa no Variedades o successo do Aquidabam, revista de anno escripta e posta em musica por Assis Pacheco

Trabalha no S. Pedro um adivinho e hypnotizador chamado Onofroff, que faz coisas muito curiosas.

A companhia dramatica do grande artista Novelli, que proporcionou aos fluminenses e agora está proporcionando aos paulistas algumas noites de regabofe artistico, vae ser substituida no theatro Lyrico por alguns acrobatas japonezes de quem se dizem maravilhas.

O theatro não se encheu uma unica noite enquanto lá trabalhou Novelli; é muito provavel que se encha agora, pois o nosso bom povinho não hesita entre italianos que interpretam Shakespeare e japonezes que fazem peloticas.

X. Y. Z

AS NOSSAS GRAVURAS

Adele Sandroks

Damos hoje o retrato de uma cantora moderna, das mais celebres que se conhece actualmente. A Mm. Adele Sandroks tem sido freneticamente applaudida pelas cultas plateas de Berlim, Vienna, S. Petersburgo, Budapesth, etc...

O seu repertorio consta essencialmente de operas do grande compositor allemão Wagner.

E' uma notabilidade consagrada pela critica universal.

A Primavera

O assumpto é velho; mas ha alguma coisa nova neste mundo? Nihil sub sole novum.

Vae este pedacinho em latim; que nos desculpem as amaveis leitoras.

A Primavera é em toda parte do mundo a estação do sol, do riso, da alegria, a estação das festas, em que cada canção é um hymno ao Altissimo, em que a creatura esquece-se um pouco de suas miserias terreneas e volta-se, agradecida, para o Supremo Creador.

E' uma scena da Primavera o que traz a nossa gravura; flores e luz, cantos e harmonias, a festa annual da Natureza.

Mil primaveras ás nossas leitoras.



MUSICA MODERNA PARA PIANO



Table listing musical pieces and composers such as Ernesto Nazareth, B. Neves, José Buzelin, etc., with prices.

Table listing musical pieces and composers such as Luiz Ramos de Lima, Chueca e Valverde, etc., with prices.

Pontos nos i i

Table listing musical pieces and composers such as B. Neves, A. H. de Araujo, etc., with prices.

Peças de salão

Table listing musical pieces and composers such as Julio Reis, Miguel Cardoso, etc., with prices.

Peças a 4 mãos

Table listing musical pieces and composers such as A. Gouvea, H Mesquita, etc., with prices.

Piano e canto

Table listing musical pieces and composers such as J. Gomes d'Araujo, E. Borgongino, etc., with prices.

MINIATURAS MELODICAS

Colleção de dez peças facéis sobre motivos de operas modernas, de maior aceitação, impressa em typo grande especial, para facil comprehensão e todas as peças dedilhadas pelo auctor, E. Pinzaroni, emerito professor de piano no Rio de Janeiro.

Table listing 10 miniature pieces (N. 1 Africana to N. 10 Les Huguenotes) with prices.

Colleção completa em um volume brochado (fixo) 12\$000

EDITORES -- VIEIRA MACHADO & C.

51 RUA DOS OURIVES 51

## O Cornetim

— Mestre Bazilio, toque-nos alguma coisa para nós dançarmos.  
 — Mestre Basilio, toque-nos cornetim  
 — O José anda a aprender musica. Vão buscar o cornetim do José aqui para o mestre Basilio.  
 — Então, mestre Basilio, toca-nos alguma coisa?  
 — Não, meus filhos.  
 — Não? ora essa!  
 — Já disse que não.  
 — Mas porque?  
 — Porque não sei tocar.  
 — Não sabe tocar! Ai que mentiroso! Está-se a fazer rogado.  
 — Ora adeus! Como se nós não soubessemos que elle foi musico de primeira classe no regimento.  
 — E que foi tocar á côrte.  
 — Vamos, mestre Basilio!  
 — Pois é verdade, toquei cornetim, cheguei até a ser um virtuose, como vocês dizem agora; mas é verdade tambem que ha mais de quinze annos que

fiz presente do meu instrumento a um pobre, e que de então para cá nunca mais cantarei, nem uma nota.

— Que pena! Um musico de mão cheia!  
 — Mas esta noite ha-de tocar! Aqui no campo ha liberdade para tudo!  
 — Bravo! bravo! ahi vem o instrumento.  
 — Toque-nos uma walsa.  
 — Não, uma polka! Um fandango.  
 — Sim, sim, um fandango, a dança nacional.  
 — Tenho muita pena meus filhos, mas não posso tocar.  
 — O tio Basilio que é tão amavel!  
 — Pedindo-lh'o o seu querido neto...  
 — E a filha da sua sobrinha!  
 — Deixem-me, em nome do Deus Todo Poderoso! já lhes disse que não toco.  
 — Mas porque?  
 — Porque jurei.  
 — A quem?  
 — A mim proprio, a um morto, a tua pobre mãe, minha pequenina!  
 A estas palavras pronunciadas em tom commovido.

todos os rostos se cobriram subitamente de um véu de tristeza.—Oh! se soubessem o que me custou a aprender musica! prosequio o velho.

— A historia! a historia! bradou a rapaziada. Contem-nos a historia.  
 — E é uma historia, é, disse o tio Basilio. E agora oiçam lá!

« Ha coisa de vinte e tres annos estava a Hespanha dilacerada pela guerra civil; D. Carlos e Isabel disputavam a corôa, e os hespanhoes, divididos em dois campos, derramavam o seu sangue n'esta lucta fratricida.

Eu tinha um amigo, tenente de caçadores no mesmo batahão que eu, o homem de mais capacidade que tenho conhecido; haviamos sido creados juntos, juntos haviamos sido no collegio. Tinhamos-nos encontrado mil vezes do mesmo campo de batalha, luctando ao lado um do outro, e querendo ambos morrer pela liberdade; elle chegava talvez a ser mais liberal do que eu.

Infelizmente o meu amigo Raymundo foi victima d'uma injustiça, d'um abuso de auctoridade, d'um d'estes actos arbitrarios que ás vezes no exercito os

**VINHO DE CHASSAING**  
 HI-DIGESTIVO  
 Recetado ha 30 annos  
 CONTRA AS AFFECTOES DAS VIAS DIGESTIVAS  
 Paris, Avenue Victoria n.º 8.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no período de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.  
 PARIS, AVENUE VICTORIA N.º 8 E NAS PHARMACIAS

**PRISÃO DE VENTRE**  
 é curada com o verdadeiro  
**Pó Laxativo de Vichy**  
 do D. SOULIGOUX Laxante certo, agradável ao paladar. Cada vidro de 25 dozes: 12 fr. 500  
 PARIS, AVENUE VICTORIA, 6. NAS PHARMACIAS.

**PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET**  
 35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

**MÃO DE PAPA** de duque, de principe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destrôe as frieiras e as rachas.

**UM NARIZ PICADO** de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brançura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CAUDADO COM AS CONTRAFACÇÕES  
 Para ser bella e encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

**POUCOS CABELLOS**  
 Fazem-se crescer e cerrados empregando-se l'Extrait Capillaire des **Bénédictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.  
 E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

**NÃO ARRANQUEM MAIS**  
 os dentes estragados, sane-os e branqueie-os com l'Extrait dentifrice des **Bénédictins du Mont-Majella**.  
 E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

**NINON DE LENCLOS**  
 escarnecia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atrahendo sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava a cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. « Muito verde ainda! » via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceva jamais conliara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella epoca descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 51 à PARIS**.  
 Esta casa tem-no a disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

**DUVET DE NINON**  
 pó de arroz especial e refrigerante  
**Le Savon Crème de Ninon**  
 especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

**LAIT DE NINON**  
 que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

**LA PÂTE ET LA POUDERE MANDERMALE DE NINON**  
 que faz voltar os cabellos brancos à cor natural e existi em 12 cores;  
**SEVE SOURCILIERE**  
 que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.  
**LA PÂTE ET LA POUDERE MANDERMALE DE NINON**  
 para a finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.  
 Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

Em Casa de todos os  
 Perfumistas  
 e  
 Cabelleireiros  
 de  
 França  
 e do  
 estrangeiro

**VELOUTINE**

PÓ DE FLOR DE ARROZ especial  
 PREPARADO COM BISMUTHO por

**CH. FAY**  
 Perfumista  
 9, Rue de la Paix, 9  
 PARIS

**XAROPE DE FLON**

O mais antigo e mais excellente Xarope lenitivo peitoral.  
 Soberano contra

**DEFLUXOS BRONCHITES INFLUENZA CATARRHOS**

Acalma e detem com rapidez a **TOSSE** e qualquer Irritação da Garganta.

Acha-se em todas as Pharmacias.

**Espartilhos DA CASA DE VERTUS SŒURS**  
 \* PARIZ \*

A afamada casa DE VERTUS Sœurs acaba de aperfeçoar a forma dos espartilhos de sua fabrica, tão apreciados das senhoras elegantes.  
 O brim fabricado exclusivamente para este estabelecimento não só é mais flexivel e mais solido, como tambem é feito de tecido muitissimo fino como ainda não se tinha fabricado até agora.  
 Os ornamentos são muito mais ricos.  
 O ultimo modelo d'esses espartilhos tem do lado de dentro a data de 1894. Para evitar as contrafacções, todos esses espartilhos têm uma medalha de metal branco igual ao modelo abaixo.

  
 MARCA REGISTRADA

superiores commetem e que desgostam o homem mais honrado da carreira mais honrosa; desde esse momento, o official resolveu abandonar os seus soldados, o amigo deixar o amigo, o liberal passar para os rebeldes, o subordinado matar seu coronel. Ao Padre Eterno em pessoa não perdoar-la Raymundo uma injustiça.

«Estavamos n'essa occasião na provincia das Asturias, a tres leguas do inimigo. Chegara a noite que Raymundo escolhera para desertar, noite fria, chuvosa, inspiradora de sombrios pensamentos; havia batalha no dia seguinte. A' meia noite entrou Raymundo na minha barraca, quando eu principiava a adormecer.

—«Basilio! mormurou elle ao meu ouvido.

—«Quem está ahí?

—«Sou eu, adeus!

—«Já partes?

—«Parto, adeus!—E pegou-me no braço.—Ouve lá, continuou elle, se amanhã houver batalha como se espera, e se nos encontrarmos...

—«Bem sei, somos amigos.

—«Abraçamo-nos e continuamo-nos a bater, cada um para seu lado. Eu morro decerto porque não saio de lá sem me vingar do coronel. Tu, Basilio, não te exponhas muito. Bem sabes que a gloria é fumo.

—«E o pão?

—«E' verdade, vê se apanhas o posto de major, tornou Raymundo levantando a voz, o soldo, isso é que é serio... vinho, tabaco e mulheres. Para mim está tudo acabado.

—«Deus do céu! com que idéas tu estás! disse-lhe eu no auge da afflicção. Temo-nos escapado de arrioscas mais graves.

—«Pois, bem, combinemos um sitio onde nos encontremos depois do combate.

—«Onde quizeres.

—«Na ermida de S. Nicolau, a uma hora da noite; quem lá não estiver, foi porque não pôde, foi porque morreu. Está dito?

—«Está. Adeus.

—«Adeus.

«Abraçamo-nos; depois Raymundo desapareceu nas trevas da noite.

«Como temíamos, ou antes como tinhamos previsto, os rebeldes atacaram-nos no dia seguinte. A refrega foi quente, e durou desde as tres horas da tarde até á noite. [Só uma vez durante a peleja pude enxergar o meu amigo Raymundo; tinha na cabeça o pequeno gorro carlista, já o haviam feito mijor e matara o nosso coronel. Eu não tive tanta felicidade, caí prisioneiro nas mãos do inimigo.

«Era uma hora da manhã, hora que combinára encontrar-me com Raymundo, achava-me fechado n'um quarto que nos servia de carcere, no meio de uma aldeota occupada então pelos carlistas. Perguntei pelo meu amigo.

—«E' um valente, responderam-me, matou um coronel, mas a estas horas deve estar morto.

—«Porque?

—«Porque não tornou a apparecer.

«Oh! o que eu padeci n'essa noite! Só me restava uma esperanza. Sim, Raymundo fôra-me esperar para a ermida, por isso é que não o tinham visto ainda.

«Como elle deve estar inquieto por não me ter encontrado, pensava eu de mim para mim julga-me morto seguramente, e o que é verdade é que não devo estar muito longe da minha ultima hora. Os carlistas fusilam todos os seus prisioneiros; morro amanhã. E' verdade que Raymundo volta antes d'isso... E, se eu morrer hoje! Oh! meu Deus! meu Deus! perco a cabeça.

«Foi no meio d'estas reflexões que rompeu o dia. Entrou um capellão no meu carcere; todos os meus companheiros dormiam.

—«Vou morrer! exclamei eu, vendo padre.



*dele Santrock.*

—«Vae, respondeu elle com doçura.

—«O que! já!

—«Não, d'aqui a tres horas..

«Um minuto depois acordaram os meus companheiros, e os echos da prisão repercutiam mil gritos, mil soluços, mil blasphemias.

«Tiraram-me o meu uniforme, o meu uniforme de official, deram-me um boné e um capote de soldado, depois fui para a morte com os meu vinte companheiros. D'esse numero só um devia escapar ao supplicio, no caso de ser um musico; os carlistas precisavam n'essa occasião de organizar as bandas marciaes dos seus regimentos.

—«E o tio Basilio era musico, foi isso o que salvou, exclamaram todos os rapazes.

—«Não meus filhos, disse o veterano, eu não era musico.

«Os carlistas formaram-se em linha de batalha, destacaram um pelotão, o pelotão de execução, e pozeram-nos deante d'elle. Eu tinha o numero dez, devia ser por conseguinte o decimo a morrer; então pensei em minha mulher, em tua mãe e em ti, pequena.

«A execução principiou. Como eu tinha os olhos vendados, não via os meus companheiros, quiz contar as descargas para saber quando chegava a minha vez, mas antes da terceira detonação perdi-lhe a conta.

«Ah! esses tiros de espingarda, nunca deixarei de os ouvir! Parecia-me que resoavam lá ao longe muito ao longe e que de subito me rebentavam na cabeça.

«E entretanto as detonações iam-se seguindo umas ás outras.

«Agora sou eu, dizia de mim para mim. As balas assobiavam e eu continuava vivo.

«Agora é que não ha duvida, acabou-se... Senti que me agarravam pelos hombros, que me sacudiam que me fallavam ao ouvido. Cai, fugiu-me o pensamento, depois sonhei que morrera fuzilado.

«Durava ainda o sonho? Sei que me achei deitado n'um quarto, no mesmo que nos servira de carcere. Não via nada.

«Levei a mão aos olhos para tirar a venda, mas conchie que tinha os olhos livres, abertos, e que a pri-

saõ é que estava cheia de trevas. Ouvi então vibrar um sino, e comeci a tremer: era a oração da noite.

«São nove horas, pensei eu, mas em que dia estamos nós? Uma sombra mais espessa do que a sombra do ambiente se debruçou para mim, e essa sombra tinha uma forma humana.

«Os meus labios mormuraram inconscientemente um nome que eu repetia sem cessar no meu pesadelo: Raymundo.

—«O que queres? disse uma voz que vinha de junto de mim.

[—«Oh! meu Deus, exclamei eu, és tu, Raymundo, vives ainda?

—«Vivo.

—«E eu?

—«Tambem.

—«Então onde estou? Na ermida? Sonhei? Não caí prisioneiro?

—«Não sonhaste, Basilio, vou-te dizer tudo. Hontem na refrega, matei o coronel, vinguei-me; depois cegou-me a furia, e matei, matei até a noite, até não haver já um sô christino na planicie; quando nasceu a lua, estava muito cansado e lembrei-me de ti; então dirigi-me para a ermida de S. Nicolau com tenção de te esperar. Eram dez horas da noite, combináramos encontrar-nos á uma hora; na noite antecedente não pregára olho, adormeci.

«A' uma hora acordei dando um grito; olhei em torno de mim, e achei-me só. Deram duas, tres, quatro horas; tu não apparecias. Morreras sem duvida, este pensamento desesperava-me.

—«Rompeu o dia enfim. Sai da ermida e dirigi-me para esta aldeia onde estavam reunidos os meus novos irmãos de armas. Todos julgaram que eu tinha ficado no campo de batalha; acolheram-me de braços abertos, encheram-me de elogios e de distincções, depois de subito conversando soube que vinte e um prisioneiros iam n'essa mesma manhã ser fuzilados.

«Tive um presentimento. Basilio estaria entre elles? Corri, estava já formado o pelo tão de execução; ouvi disparar alguns tiros, os fuzilamentos principiavam.

«Procurei-te com os olhos, mas nada via, cegava-me a dôr. Afinal enxerguei-te: ias morrer fuzilado só faltavam dois numeros para chegar tua vez. O que havia de fazer? Soltei um grito, agarrei-me a ti, e com voz dilacerante, desesperada, exclamei:

—«Este não meu general, este não!

«O general, que procedia a exucação, e que já me conhecia pelo modo porque eu me portara na vespera, dirigiu-me a palavra: O que? E' musico?

«Esta palavra foi para mim o que seria para um cego a claridade do dia, enxergada de repente; fiquei deslumbrado. Musico! exclamei eu, sim, sim, meu general... musico, um grande musico. Tu, entretanto cairas sem sentido.

—«E que instrumento toca elle? perguntou o general.

—«Que instrumento? Toca... ah! sim... é isso... toca cornetim.

—«Falta-lhe um cornetim? proseguio o general, dirigindo-se ao mestre da musica.

«A resposta demorou-se cinco segundos, cinco sculos.

—«Falta, sim, general, disse o mestre da musica.

—«Pois então tirem esse homem da filéira, e continue a execução.

«Levantei-te com toda a pressa, e, tomando te nos braços, trouxe-te para aqui.

«Raymundo ainda não acabára de fallar, e já eu dando um pulo, lhe saltava ao pescoço rindo e chorando ao mesmo tempo.

—«Devo te a vida! exclamei.

—«Ainda não, me respondeu Raymundo.

—«Como?

—«Sabes tocar cornetim?

—«Eu? não!

—«Estás servido!

«Eu fiquei logo gelado como um marmore.

—«E musica? proseguiu Raymundo. Sabes musica?

—«Pouquissimo. O que aprendemos no collegio.

—«E' pouco, ou, para melhor dizer, nada. Estás perdido sem recursos, e eu tambem; hão de me chamar traidor e dizer que os quiz enganar. Antes de

quinze dias deve estar organizada a banda de que fazes.

—«Quinze dias!

—«Nem mais nem menos, e, visto que não saberás tocar cornetim, a não ser que Deus queira fazer um milagre em teu favor, seremos ambos fuzilados.

—«Fuzilado, tu! exclimei eu. Por minha causa, por eu te dever a vida! Não é possível. Deus não pôde querer tal. Dentro de quinze dias, hei de saber musica, e hei-de tocar cornetim.

«Raymundo desatou a rir.

—«Que lhes direi, filhos? Em quinze dias, oh! poder supremo da vontade, em quinze dias, contando as noites, porque não tinha nem um instante de descanço para dormir, em quinze dias aprendi a tocar.

«Eu e Raymundo iam para o campo, e passamos os dias com um musico de uma aldeia proxima que me dava lições.

«Porque não fugia? Dirão. Fugir não era possível, eu continuava a estar prisioneiro e era guardado de perto, Raymundo não queria fugir sem ir commigo.

«Quiz aprender e aprendi. Fallava, se fosse mudo andava, se fosse paralytico, via se fosse cego; é porque eu queria e a vontade tudo vence. Querer é poder. Queria, era o talisman, queria e consegui. Filhos decórem esta verdade.

«Salvei pois a minha vida... mas enlouqueci. Tres annos a fio, os meus dedos não largaram o instrumento *Dó, ré, mi, fá, só, lá, si, dó*, n'isto se resumia para mim o mundo. A minha vida passava se a asso- prar, Raymundo não me largava.

«Emigrei com elle para a França e continuei a tocar cornetim. Todos se apinhavam para me ouvir: era um prodigio, uma maravilha. O cornetim parecia viver debaixo dos meus dedos, gemia, resava, suspirava, rugia; imitava o passaro, a fera, até a voz humana; os meus pulmões eram de ferro.

«Assim passaram mais dois annos. Ao fim d'este tempo, morreu Raymundo, a vista do seu corpo inanimado restituiu-me a razão. Peguei no instrumento, procurei tocar, já não sabia...

«E agora querem dançar, meus filhos?»

PEDRO ANTONIO DE ALARCON.

## O palacio dos Corações

(Conclusão)

Esprei até hoje para ver se não me havia enganado, e agora, que acabo de reconhecer que não tens senão carinhos para todos e que não ha uma alma limpida e serena, quero mostrar, em recompensa, que possues a chave da grande porta do palacio dos corações, do qual serás rainha.

E, tendo acabado de proferir estas palavras, Indiana ou a boa fada, graciosamente a sorrir, deu a mão a Mariquinhas e, sahindo ambas pela fresta da janella, foram ao palacio encantado.

Assim que lá chegaram, vio Mariquinhas um grande e magestoso palacio, cujas paredes eram transparentes como crystal e brilhantes como os raios do sol.

—Entremos, disse-lhe a fada; entremos, Mariquinhas. Este é o formoso e encantado palacio dos corações, e não te admires de ver que as suas paredes são transparentes e brilhantes. É que aqui só vivem os corações puros e esses são eternamente diaphanos e claros como a luz do dia. Tambem não penses que a chave d'este palacio é uma chave commum; não: —a chave com a qual o abrirás sempre, é esse sorriso angelico que o bom Deus poz em teus labios; e livrete elle de que o percas, porque então nunca mais entrarás aqui. Agora vou mostrar-te os corações que vivem n'este palacio e que teus serão emquanto for teu esse sorriso de tanta meiguice e de tanta mansuetude. Vês aqui um coração de Mãe:—este é o melhor dos corações que habitam n'este palacio; estás reparando de certo n'aquella gotta de sangue que porpureja uma das suas azas, não é verdade? Pois, Mariquinhas, é alli que está a fonte inexaurivel dos seus sacrificios pelos filhinhos. Este outro que vês

acolá, é o de um Irmão:—repara que agita impaciente as azinhas e salta por entre os bosquets de lilazes em flor; procura a irmanzinha em quem unicamente pensa, por quem vive e a quem estima. Aquelle que alli vês quasi escondido na relva, é o de um Amigo:—como é raro, é tambem tão pequeno assim, modestamente se occulta, com medo de que os outros possam entender que a sua ternura nasce de algum outro sentimento menos puro. Ahi vês muitos outros, entre os quaes os do Generoso, do Fiel, do Agradecido e do Esmoler; e todos alegres e satisfeitos. Agora olha para teus pés e verás lá embaixo, nas sombrias cavernas que servem de prisão, muitos corações que se estortegam em agonias sem fim. Ouves os seus gritos, mas ainda os não vês, porque as trevas em que estão impedem que a vista penetre naquelles abysmos. Vou fazer descer um raio de luz, tirado dos teus olhos. Vês agora? Lá está, pousado sobre um salgueiro, á margem do esverdinhado lago da Ambição, um coração de Avarento:—tiritita de frio porque não ha calor que o aqueça, e, apezar do supplicio que soffre, parece querer atirar-se ao lago, onde por vezes se vê brilhar á tona um peixe de escamas prateadas que tem cauda de ouro e olhos de diamante. Um pouco mais abaixo has de ver outro a atirar lodo sobre uma cruz que o esmaga com o seu peso:—é um coração de Hypocrita, que carrega o pesado lenho e contra o qual atira na sua raiva o lodo dos vicios e das paixões que quer occultar á sombra d'esse symbolo de virtude. Ahi tens, minha querida Mariquinhas, muitos outros corações máos, que soffrem, invejando a seledidade dos que vivem cá em cima. Estes nasceram para a luz, como aquelles para as trevas, e os que estão lá em baixo só conseguem vir para aqui, quando reconhecem os seus erros e d'elles se arrependem; então conseguem entrar n'este palacio, porque a misericordia divina tudo esquece e perdoa. Não acredites, porem, boa menina, que os corações do palacio encantado vivem somente para si: elles tambem trabalham para levar o arrependimento aos corações dos abysmos, e soffrem, vendo-os na pratica do mal. A ti que és senhora d'este palacio, recommendo, não só que cudeis dos bons que aqui estão, como tambem que não augmentes com as penas da tua indignação o castigo dos outros. Em vez de cólera, terás para elles o sorriso da compaixão e do perdão, e assim conseguirás trazer muitos arrependidos para este palacio. Ao bom, minha filha, protegerás e ao máo não abandonarás:—é esta a maxima que debes seguir, para que na pratica das virtudes que dão o teu sorriso a luz que brilhava nos olhos de Christo, aches sempre a chave que abre as



portas do palacio dos corações, que é o reino de Deus.

Apenas acabou de proferir estas ultimas palavras, a boa fada desapareceu.

Mariquinhas, perplexa e sem saber como devia voltar a casa onde a mamãe e o papae esperavam; ao mesmo tempo ansiosa por contar-lhes que a sua boa amiga Indiana lhe fizera presente de um grande palacio encantado, ficou afflicta e dando um suspiro, apertou com as duas mãos suas seu proprio coração...

Ouvindo um grito, Mariquinhas abriu os olhos e comprehendeu que o grito fôra dado pela sua Indiana, pela sua bonêca, que ella havia apertado contra o peito.

Ah! tudo fora um sonho!.. Fada, palacio encantado... tudo desaparecera!.. Somente sua filhinha continuava deitada alli a seu lado, sobre o travesseirinho de veludo bordado a oiro.

SOARES DE SOUZA JUNIOR.

— Não sei qual d'elles escolha,  
Pois ha na Estação, Leonor,  
Um feitiço em cada folha,  
Em cada folha um primor!

## N'uma aza

Sempre que o inverno chega, desfolhando  
Arvoredos, a emperolar os prados,  
E, em albornozes néveos embuçados,  
Vão estes montes lúridos ficando;

Começam a emigrar de bando em bando.  
Os passaros fidentes, estouvados;  
E, estradas, céus, por elles festejados,  
Entra a melancolica conquistando.

Mas, tu sómente, ó ave idolatrada!  
Quer venha a primavera ou chegue o inverno,  
Não deixas tua esiancia perfumada!

E os gorgeios com que vais saturando  
Todo o meu coração—teu ninho eterno—  
Vão pelos meus versos fôra retumbando....

HORACIO GUTERRES.

## MOSAICO

Na provincia. Vem o barbeiro á casa do freguez.  
O freguez—A navalha é a mesma de hontem?  
— O barbeiro—Sim, senhor.  
— O freguez—Então primeiro quero ser chloroformizado.

Dois philosophos conversavam sobre o casamento:  
— Deploravel instituição!  
— Dizes bem...  
— Com o tempo o amor vae-se.  
— E infelizmente e a mulher fica.

Bassompierre perguntou um dia a um dos seus capitães:

— Que idade tem?  
— Não sei ao certo; parece-me que tenho 38 ou 48.  
— Esta agora é melhor! Então tem duvida com relação ao numero de annos?  
— Eu lhe digo, marechal, conto o meu dinheiro, a minha roupa, os meus filhos, mas os meus annos, nunca os contei porque tenho a certeza de que ninguém m'os rouba.

**DELETTREZ**  
EM PARIS  
INVENTOR DA NOVA  
**PERFUMARIA**  
extra-fina  
DE  
**AMARYLLIS**  
DU JAPON

Recommandada pelas Celebridades Medicas

Sabonete..... de AMARYLLIS DU JAPON  
Pó de Arroz.... de AMARYLLIS DU JAPON  
Essencia..... de AMARYLLIS DU JAPON  
Agua de Toucador. de AMARYLLIS DU JAPON  
Vinagre de Toucador de AMARYLLIS DU JAPON  
Óleo para os Cabellos de AMARYLLIS DU JAPON  
Brilbantina..... de AMARYLLIS DU JAPON

3 Medalhas nas Exposições Universaes de 1878 e 1889

**T. JONES**  
Fabricante  
de Perfumaria Inglesa extra-fina

**VICTORIA ESSENCIA**  
O mais delicioso perfume do Mundo.  
Grande collecção de extratos extra-finos para lenço.

**FLUIDE IATIF**  
Macia a pelle, embelleza-a e a torna flexivel  
Faz desaparecer as espinhas e as rugas. Allivia toda  
e qualquer irritação proveniente da mudança de clima e  
dos banhos de mar. Basta empregal-o uma só vez para  
curar as rachos das mãos e dos heijos.

**LA JUVENILE**  
Branca, Cór de Rosa ou Cór Rachel  
Pó sem mistura alguma chimica, adhe ente e invisivel  
para os cuidados do rosto, dando-lhe e conservando-lhe a  
moçidade e frescura.  
Preparado especialmente para ser empregado com o  
fluido i.atif.

**LAIT IATIF, chamado LILY WASH**  
para embellezar a tez.  
Este leite de cor branca, cor de rosa ou cor Rachel foi  
o alvo de pesquisas muito especiaes. Substitue todos os  
arrebiques, e pode ser empregado, sem o menor receio,  
no rosto, nos braços e nas espadua.

**CREAM IATIF**  
Conserva-se em todos os climas, basta experimental-o  
para que se fique convencido da sua superioridade sobre  
os outros Cold-Creams.

**AGUA DE TOUCADOR JONES**  
Tonica e refrescante. Excelente contra as picadas de  
insectos.

**ELIXIR E PASTA SAMOHTI**  
Dentifricio antiseptico e tonico. Branquea os dentes e  
fortifica as gengivas.  
23, Boulevard des Capucines, 23, PARIS  
Depositos em todas as principais Perfumarias.

**L. T. PIVER em PARIS**  
IMPORTADOR DA  
Nova PERFUMARIA Extra-fina  
AO  
**CORYLOPSIS DO JAPÃO**

SABÃO..... de CORYLOPSIS DO JAPÃO  
PÓ DE ARROZ..... de CORYLOPSIS DO JAPÃO  
EXTRACTO..... de CORYLOPSIS DO JAPÃO  
ACQUA TOUCADOR de CORYLOPSIS DO JAPÃO  
LOTION..... de CORYLOPSIS DO JAPÃO

BRILHANTINA de CORYLOPSIS DO JAPÃO  
ÓLEO..... de CORYLOPSIS DO JAPÃO  
FONADA..... de CORYLOPSIS DO JAPÃO

Contra a **ANEMIA**, a **FRAQUEZA**  
o **RACHITISMO**, as **ESCROFULAS**  
o **RHEUMATISMO**, a **TISICA** etc.  
SUBSTITUA-SE O OLEO DE FIGADO DE BACALHAO PELO

**VINHO VIVIEN**

de EXTRACTO de FIGADO de BACALHAO

Esta deliciosa preparação, eminentemente tonica, e  
tão agradável ao paladar que as crianças chegam a  
tomal-a até por gosto. — Uma colher, das de sopa, de  
**VINHO VIVIEN**, equivale a duas colheres de sopa  
de oleo de figado de bacalhão.

A VENDA EM TODAS PHARMACIAS  
PARIS: 126, Rue Lafayette, 126

TONICO \* FEBRIFUGO \* REGENERADOR

**VINHO DO DOUTOR JOHANN**

COM  
**QUINA — COCA-EXTRACTO de CARNE**  
**HYPOPHOSFITOS**

Energico reconstituinte recommendado nos casos  
da **POBREZA** de SANGUE, — **CHLOROSIS**, —  
**LYMPHATISMO**. — **FEBRES PERNICIOSAS**,  
e principalmente as Senhoras nos casos de **FLUXO**  
**BRANCO**, — **MENSTRUACAO IRREGULAR**, etc.

A venda em todas Pharmacias. PARIS: r. Lafayette, 126

**HOUBIGANT**  
PERFUMISTA  
da RAINHA de INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

— PARIS —

**AGUA HOUBIGANT**  
SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR com Heliotropio branco.  
AGUA de COLONIA Imperial Russa.

**EXTRACTOS PARA O LENÇO**: Violetta San Remo,  
Lilaz branco, Heliotropio branco, Peau d'Espagne, Moskari,  
Muguet, Bouquet Imperial russe, Hoa-Rosa, Corydalis,  
Gloxinia, Edenias, Sophora, Aronia, Violette russe, Trévol,  
Jasmin d'Espagne, Edelweiss, Lilas de Perse, Mimosa.

**SABONETES**: Ophelia, Peau d'Espagne, Violetta  
San Remo, Fougère royale, Lait de Thridace.

**PÓS OPHELIA**, Talismão de Belleza.  
**PÓS PEAU D'ESPAGNE**.  
**LOÇÃO VEGETAL** para os Cabellos.

**PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI**

**MEIO SEculo DE SUCESSO**  
O unico verdadeiro Alcool de  
Hortelã é o Alcool de Hortelã

**DE RICQLÈS**

Algumas gottas d'este alcool em um  
copo d'agua com assucar fazem uma  
bebida deliciosa, sadia, refrigerante e  
barata, matando instantaneamente a sêde  
e saneando a agua.

Em dose maior é **INFALLIVEL** contra  
as indigestões, os atordoamentos, as  
dores de estomago, o enjôo, as doencas  
dos nervos, as dores de cabeça, a dysen-  
teria e a cholera.

Tambem é **EXCELLENTE** para os dentes, a  
bocca, e todos os cuidados do toucador.

**É UM PRESERVATIVO** contra  
as **EPIDEMIAS**.

55 recompensas entre ellas 16 diplomas  
de honra e 15 medalhas de Oiro.

**NÃO COMPRAR AS IMITAÇÕES**  
Exija-se o nome **DE RICQLÈS**.